3 1761 07044987 1

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/notasmavario00cast

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Notas á Margem

EM VARIOS LIVROS DA SUA BIBLIOTECA

RECOLHIDAS

POR

ALVARO NÉVES

Da Academia de Sciencias de Portugal
Dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa

1916

Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria Editora
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

NOTAS Á MARGEM

TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOTAS Á MARGEM

EM VARIOS LIVROS DA SUA BIBLIOTECA

RECOLHIDAS

POR

ALVARO NÉVES

Da Academia de Sciencias de Portugal
Dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa

1916

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

PQ
1261
C3A16
1916

Á MEMORIA

DE

Camillo Castello Branco

Alvaro Néves.

NOTA AOS CAMILIANISTAS

Prescinde de entroito encomiástico ou recomendativo este feixe de notas dessiminadas pelo mais genial e glorioso escritor português do seculo passado. Todavia, é indispensavel explicar o critério que inspirou o coligimento dêsses comentários de critica severa e ironica ou de ilucidação precisa.

Quem pretenda estudar profunda e intrinsecamente a personalidade de Camilo Castelo Branco, e tenha por consequencia de percorrer pagina a pagina toda essa obra gigantesca, carece conhecer os dois mais poderosos elementos de ilucidação fisiológica e filosófica: — a epistolografia Camiliana e as notas marginaes nos livros que constituiam o sua biblioteca.

Se noutra atmosfera menos mercantilista, houvesse sido redigido o Catalogo da livraria de Camilo, esse trabalho seria precioso sob o ponto de vista bibliográfico, e riquissimo pela contribuição das notas do famoso escritor.

Mas o interêsse dêsse opusculo é restrito e a colaboração do mestre foi... leiloada.

Como escrínio exposto á avidez duma legião de avarentos, centenas de joias se dispersaram.

Onde se encontrará hoje a *Cronica de Cistér* de fr. Bernardo de Brito, tendo manuscrita por Camilo a história romantica em que entrou esse livro? Onde permanecerá o *Jesus Christo perante o Seculo*, por Rossely de Lorgues, recheiado de anotações nas margens e em meias folhas de papel de cartas? Onde existirá o exemplar das *Novas poesias* de Xavier de Novaes ou os *Novos horisontes* do meu estimado amigo Cristovam Aires, ambos com notas marginaes?

Porque se perderam tão fulgentes e lapidadas joias literárias lancei-me na pesquisa e coligimento. Sem anciedade, e sómente intencionádo na reconstituição da livraria anotada do eminente mestre, o prodúto dalgum tempo de labor lento se compila neste volume.

Do exito da exploração vós o vedes e julgueis.

S. Bernardo — Outubro, 1915.

ALVARO NÉVES.

NOTAS Á MARGEM

I

Opusculos | *por* | *A. Herculano* | *Socio de merito da Academia R. das Sciencias de Lisboa* | *Socio estrangeiro da Academia R. das Sciencias de Baviera* | *Socio correspondente* | *da R. Academia de Historia de Madrid* | *Do Instituto de França (Academia das Inscripções)* | *Da Academia R. das Sciencias de Turim* | *Da Sociedade Historica de Nova York, etc.* | *Questões Publicas* | *Tomo I* | *Lisboa* | *Em casa da viuva Bertrand & C.* | MDCCCLXXIII.

No frontespicio: *C. Cast.º Br.º*

1 — Na pag. VII da «advertencia prévia» sublinhou a frase:

> «Era o egoismo dos annos derradeiros; o amor á quietação da intelligencia, que, no outono da vida, é em nós como o prenuncio da completa, da eterna paz.»

2 — Na pag. 123, capitulo sob «Theatro — Moral — Censura» marginou com um traço o periodo:

> «Um empresario é um individuo inexplicavel e inclassificavel: é uma abstracção de todas as idéas, de todas as crenças, de todos os affectos: a sua ethica é o «livro da razão», o seu evangelho o da «caixa»; o seu culto o da «cruz», mas da cruz dos cruzados novos; o seu destino, além do sepulchro, o «limbo».»

3 — No final deste capitulo, a pag. 134, comenta:

> Este escripto não fez alguma impressão por q̃ era singularmente esquisito e absurdo e inintelligivel. A. Herculano era um velho rabugento aos 30 annos. Nada sabia do mundo moderno; cegava-o a luz da ribalta, e córava se via as pernas da Emilia das Neves nas *Prezas de Richelieux*.

4 — Na pag. 139, na frase:

> «O primeiro bofar do vento fez ramalhar as arvores meias calvas.»

sublinhou o *bofar*.

5 — Na mesma pagina:

> «Pareceu-me que me affundia diante dos

olhos as visões do passado, e que, entre risadas, me chirriava aos ouvidos.»

sublinhou a palavra *chirriava*.

6 — Ainda na mesma pagina onde se lê:

«Obedeci: o meu espirito cahiu no mundo presente, presente na sua mais rigorosa data, uma noite pessima do mez de novembro do anno do Senhor de 1842..... Ao longe, a fita alvacenta da estrada, coleando por entre os linhares e milharaes, refrangia de quando em quando o luar fugitivo da superficie alagada das baixas, ...»

Linhares e milharaes em novembro! q̃ agricultor!

7 — Na pag. 142:

«*De resto,* a chuva cahia, mas era lá fóra.»

Gallicismo.

«Eu estava enxuto e secco, tanto, quasi, como a alma de um politico: *estava bem,* agasalhado, commodamente. Só a luz do candieiro é que se tornara *escandalosamente* mortiça.»

8 — Na pag. 297, final do capitulo acerca d'«A suppressão das Conferencias do Casino, Camilo escreveu:

A. Herculano pensou em implantar

a Egreja Reformadora em Portugal. Os seus mestres em crenças foram os allemaens e ingleses. Não sei se elle apostatou do catholicismo, como Oliv^{a} Marreca; mas é visivel q̃ pensou, escreveu e morreu lutherano. Do ritho catholico aceitou o 7° sacram^{to} da Igreja, depois q̃ trabalhou debalde para o estabelecimento do Cazam^{to} Civil.

Neste opusculo ha paginas tão adversas ao catholicismo que deveriam impedir que as portas do templo da Lapa se abrissem p^{a} um padre, do pulpito, lhe declamar a apologia. Se elle imaginou que seria elogiado no m^{mo} pulpito onde o clero o insultara como atheu e heresiarca por que descreu do apparecim^{to} de Christo em Ourique!

II

Monstruozidades do tempo, e da fortvna vistas em o reyno de Portvgal, tanto para argvmento da admiração, como para exẽplo do dzengano, sucedidas em hũa idade, q̃ servirá de espêlho em todas a Principes, e a Validos. Recópilação de todas as passadas, assim no fausto como no tragico, ou por q̃ nella todas se repetirão, ou por q̃ nella todas se vereficarão. Escritas, para q̃ os futuros tirem do mayor espanto o melhor documento, Pellos annos de 1662 athe 1680. He de fr. Alexandre da Paixão.

9 — Na frente do frontispício deste manuscrito: Este traslado foi feito até pág. 96 pelo bibliothecario da bibliotheca publica de Braga, Rodrigues d'Abreu, com destino ao sr. D. Pedro V que vira o codice e pedira uma copia.

Morreu o sr. D. Pedro V e, pouco depois morreu o bibliothecario em cujo espolio comprei o ms que mandei continuar pelo codice da bibliotheca do Porto que é menos imperfeito. Vendi-o para ser impresso com commentarios meus ao editor E. da Costa Santos, por 250$000, mas como me faltasse saude para rever as provas, desfiz o contracto, e paguei ao editor o trabalho da parte impressa que vai junta ao codice. O auctor deste ms. não é fr. Alexandre da Paixão, um frade bento que nunca sahiu dos seus mosteiros. O auctor de certo viveu no amago da escandalosa corte de Affonso VI e Pedro II.

C. C. Branco.

III

Boletim | de | Bibliographia Portugueza | sob a direcção | de | Annibal Fernandes Thomaz | Associado correspondente da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra | e socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa | Volume I | Coimbra | Imprensa da Universidade | 1879.

10 — No verso do ante-rosto:

Sahiram mais 3 N^os^ em 1880 e acabou.

11 — No frontespicio:

C. Cast^o^ Br. Unico publicado até 1880.

Aquela primeira nota é posterior a esta. Sob o titulo «Boletim de Bibliographia Portugueza e Re-

vista dos Archivos Nacionaes» publicaram-se mais 304 paginas que constituem um segundo volume.

12 — Na pag. 3:

«He Senhor grande trabalho
Escrever de geraçoens
Nem todos são Scipioens;
E podem cheirar ao alho,
Ricos homẽs, e infançoens.»

Rasão tinha Sá de Miranda principiando por si. Elle era filho do Conego Gonçalo de Sá e de uma mulher ordinaria de Coimbra.

13 — Na pag. 4, quintilha V:

«Dinheiro, officios, privanças
A nobreza nos desterra:
Judeus e Mouros aá terra,
Nos trazem suas lianças,
Que he nesta *paz* mayor guerra.»

Paz. Talvez allusão ás allianças com a fam^a^ do judeu Mestre João da *Paz* nobilitado p.^r^ D. M^el^, e senhor de vinculos no Minho.

14 — Na mesma pag., quintilha VII:

«Os del-Rey Sancho guarday
Que bom testemunho dão
Cante a Cigarra o Verão

Mas o Inverno lhe aguarday
Que vos viram [I] ter aá mão
VIII Entam sem cõtradiçoens
Vossos Avós mostrareys
Que Reys derãm, e foram Reys:
Deixai-lhes dourar brassoens
Que vos lhos desdourareys.»

[I] áa.
[II] Continua a allusão.

15 — Na mesma pag. quintilha IX:

«Se nove Torres tiraram
Que guardavam tres Machados,
Com dous maes bem pagaram;
Pois Torres Novas entraram
Martim co'os quatro criados.»

Martim Machado q̃ entrou em L.ª.

16 — Na pag. 5: «Muestra en la quinta, [*copla*] el poder que las riquezas tienen para contrastar a la Nobleza, los oficios superiores, i las privanças de los Principes, cuya ambicion produze monstruozos casamiẽtos: i que como pocos años antes se avian admitido en aquel Reyno los Hebreos, podrian con el tiempo, por sus grandes logros i riquezas, removedores de la guerra, i inquietadores de la feliz paz, que en aquella sazon passeia el Reino

de Portugal, descomponera esta, i provocar a aquella.»

Mal entendido.

17—Na pag. 6: «... De lo ultimo desta [x] copla se colige com mucha claridad, que ocultamente el Señor Rey Don Sancho dexó al Arçobispo Electo de Braga declarado en su confession, quiçá por no ponerlo en su testamento, que de Doña Maria Moñiz tia de Doña Maria Paez de Ribera, tenia a Martim Martinez por hijo.»

N. B. Martim Martinez f° de D. Sancho e de Maria Moniz.

18—Na pag. 13: «... Quem forão a ultima Abbadessa e Comp^a do Convento de Recião em Lamego o calou a Benedictina, mas consta de hum processo no cartorio dos Loyos de Lamego, em que hum Prelado da mesma Diocese figura com a mesma Abbadeça, se tal nome merece quem só teve o titulo, e se conservou em trajo secular, divagando, cazando segunda vez, vivo o primeiro marido, etc....»

N. Reflexões historicas, p^r J. R. Ribeiro.

19—Na pag. 38: «... A tal ponto chegou o desespero dos fieis, depois de doze cumpri-

dos anos de pedir e de esperar, que Portugal, esgotada a paciencia e perdida a esperança, declarou terminantemente ao Pontifice — que se negasse o remedio á Egreja lusitana, e se negasse ao rei a benção apostolica, mandaria recolher *Para Sempre* á Corte o seu embaixador.

«E' facil conjecturar como viveriam attribuladas e opprimidas as consciencias portuguezas ao verem-se por tanto tempo abandonadas pelo pontifice, e como que desamparadas das consolações da Egreja.

«A falta de confirmação dos bispos não era só a falta do reconhecimento de Roma á autonomia do reino: era um elemento de fraqueza, introduzido pela intriga castelhana em cada peito portuguez.

«Os soldados mortos no campo da batalha em defesa da patria, não eram abençoados pelo vigario de Christo, e urgia que todos os homens fossem soldados, porque a lucta era tremenda e de um contra vinte.»

Que critica a deste Castiço! Elle ignora que o q̃ haviam de comer os prelados amparou o exercito e foi gr^de^ pt.º no triumpho dos defensores de onde pendem Cid.

20 — Na pag. 52: «Existiu na villa de Borba, no

Alemtejo, um amador de livros singular e desconhecido, Fernando Vaz Cepa. Ao trabalhar, ha annos, com o Dr. A. F. Simões, na catalogação de muitos livros na Bibliotheca Publica de Evora, a cada passo me apparecia um livro raro e estimado, quer escripto na lingua portugueza, quer na hespanhola, com a assignatura de Fernando Vaz Cepa.»

Em um dos vol. das Memorias e docum^tos^... da Acad. R. das S., faz-se mensão certo Vaz Cepa como possuidor de bons livros. Parece-me q̃ o citador é Fr^o^ Leitão Ferreira. (C. C. Branco). Este Vaz Cepas instituio uma Capella na villa de Borba, da qual, em 1819, era administradora D. Maria Luiza de Vilhena (Gazeta de Lxa. N° 211. 7 de 7.^bro^ de 1819.)

21 — Na pag. 55, nota IV: «Agostinho Barbosa (tom I, pag. 14 do Dicc. Bibliog.) escreveu mais, além de muitas obras de jurisprudencia, — Memorial à la Catolica y Real Magestad Felipe IV, por el Doctor Agostin Barbosa, Proto Notario Apostolico...»

Frioleiras.

22 — Na pag. 56, nota VII: «Christovam Falcam (tom II, pag. 68 do Dicc. Bibl.) Seus

paes foram João Vaz d'Almada, Capitão da Mina, e Brites Godinho, como se pode ver na *Hist. Gen. da Casa Real,* tomo II, pag. 454, onde se diz que «era fidalgo ornado de boas partes, cortezão e entendido, singular poeta d'aquelle tempo» como se vê de algumas obras suas, debaixo do nome de Crisfal: não cazou e teve illegitimo — Christovão Falcão de Sousa.»

Cazou.

23 — Na mesma pag. e nota: «Na edição das obras de Christovam Falcão, que fez no Porto o Sr. Theophilo Braga em 1871 contendo a Ecloga do Chrisfal, foi reproduzida a 1ª edição de Colonia, de 1559 junctamente com a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, pelo que se vê não era sem fundamento plausivel que J. M. da Costa e Silva, no tom 1º do seu *Ensaio Biographico e Critico,* affirmava ter a ecloga de Chrisfal sahido juntamente impressa com a *Menina e Moça.*»

Tinha Jᵉ Gomes Montrº um exemplar que vendeu p.ʳ 15 libras a um agente de um bibliomano espanhol.

24 — Na pag. 62: «Terminou ha dias o leilão dos manuscriptos que faziam parte da bi-

bliotheca dos Marquezes de Castello Melhor, cujo *Catalogo* temos presente».

Estes mss. foram deploravelm^te^ vendidos. Miseravel paiz que deixa sahir p^r^ uma bagatella documt^os^ e codices insubstituiveis.

25 — Marginou Camilo a págs 63 a 67 com as somas do rendimento dos manuscritos leiloadas no total de 4.255$150 reis.

26 — Na pag. 66 á margem das cotas: «Athaide. D. Jeronymo de — Nobiliario — 13$550 — »

Precioso.

27 — «Lima Pereira. D. Antonio de — Linhagem dos fidalgos de Portugal — 33$000.»

Preciosissimo

28 — Na pag. 68: «Libello famoso contra o Marquez de Pombal, e outros papeis — 450»

Import.^e^

29 — Na pag. 76, capitulo sobre Poetas Portuguezes, onde se lê: «Decamtam-se no «Templo da Memoria» do Padre Manuel de Galhegos — «poema epithalamico raro e prezado» — os principaes dos nossos poetas seiscentistas, «exalçadores da primeira me-

tade do seculo.» — Poucos são os omittidos.»

Estopada implacavel!

30 — Na pag. 93: «Cartas curiosas do Abbade Antonio da Costa. Annotadas e precedidas de um ensaio biographico por Joaquim de Vasconcellos. Porto, imprensa Litterario — Commercial, 1879. 1 vol in 8º gr XXVI-80, e 22 pp. novamente numeradas, de notas.»

Depois começa a critica ao livro firmada por Teofilo Braga. No claro entre o titulo e a critica, escreveu Camilo:

> Trabalhos desta natureza é que deturpam a missão de um periodico bibliographico. Este aranzel pertenceria, q^do^ m^to^, a uma collecção de biographias sem prestimo.

31 — Na pag. 104, artigo intitulado: «Relação dos manuscriptos mais notaveis, existentes na livraria do Exmo Marquez de Penalva, pertencentes á Historia e Literatura examinados pelo Dr. Antonio Nunes de Carvalho a 7 de outubro de 1834.

> «Chronica d'El-Rey D. João 4º, 2 v. fol = a saber: Tomo 1.º Da Primeira Parte. Da vida do Serenissimo Rey D. João 4.º de gloriosa Memoria. Escripta por Fr. Raphael de Jesus Relliozo da ordem do Patriarcha São Bento, chronista-mór do Reyno.....»

Hade ser uma salgalhada gongorica de nenhum prestimo á vista do tomo 7º da M. Lusitana.

32 — Na pag. 105: «Chroniqua d'elrey Don Sebastião o prº Rey deste nome dos Reynos de Portugal = o capitulo 1º tem este titulo = Da prosperidade dos Reynos de portugal em tempo d'elrey D. Joam o 3º = o ultimo capitulo = como elrey mãdou citar pur carta de iditos ao sñr D. Antonio, e da falla que Don Fco pereira lhe fes. Acabada por estas palavras = de tantos princepes como pello amor que tinhão ao Sñr don Antonjo. fins laus deo.»

E' a mma chronica de fr Bernardo da Cruz publicada pr A Herculano, e já plagida pelo Autr da chronica do card. D. Henrique.

33 — Na pag. 106: «No titulo do Castro fallando de D. João de Castro diz o seguinte = D. João de Castro outro sim filho do governador D. Alvaro de Castro foi casado com Dona Leonor Coutinha filha de Leonel Coutinho | de que tem estes filhos, S. D. Alvaro de Castro | e D. Francisco de Castro e Dona Ines e Dona Maria que faleceo pequena e Dona Joana | e Dona Izabel que morreo me-

nina | e este D. João de Castro foi Capitão mor e Vice Rei na India e descercou e venceo a fortaleza e Batalha do Dio contra capitães d'elRey de Cambaya».

Devo confrontar com o meu exemplar

34 — Na pag. 121, Cartas de J. P. Ribeiro a Cenaculo: «Exmo e R^{mo} S^{r} — Alegro-me com a certeza de q̃ V. Ex.ª se vai restabelecendo: algũa tenho padecido, mas tudo por opressão de espirito, q̃ chegou a ponto de procurar o Pr^{e}, p^{a} lhe dizer, q̃. estando ociozo nem o servia, nem me aproveitava a mim, e q̃ assim milhor absolver-me do serviço publico, e q̃ eu passava a procurar o resto de grandes vantagens, q̃ lhe tinha sacrificado.....»

Era um grande sabio sem ortographia.

35 — A pag. 122, n'outra carta: «Acaba de publicar a Academia as Poezias de Francisco Diaz: o interesse que por ella tomo me faz temer q^{to} pode athe de longe adia-la. Não sey q̃ temo de certas couzas q̃ ali se lem, q̃ bem podiam omittir-se. Entre outras peças ou suas passagens, e algũas notas, a Elegia á morte de Voltaire basta-lhe o As-

sumpto, ainda q̃ mais não tivesse, pª se fazer suspeitoza. Eu não sonho com o Abbᵉ Barruel Jacobinismo em qᵗᵒ se lhe antojou suppo-lo; mas ou Voltaire se deva contar entre os Monarchomacos ou entre os regalistas, qᵐ o salvará da nota d'impio? Qᵐ o elogia de Poeta, tem feito bastante, mas como achará abonadores cordatos se adiantar os louvores a outros assumptos? Elle com effeito os adianta e com affoiteza. Esta reflexão a faço a um sabio Christão, e a hum Academico, com outro não me comprometerei; mas parece-me não faltará qᵐ estenda a vara censoria, e sentirey q̃. o Editor acarretasse terceiro assumpto pª aumentar a indispozição de Pessoas, q̃ vão confundindo a cauza de hum membro com toda a Corporação.»

Admiravel hypocrisia em tal homem!

36 — Na pag. 131, artigo de Teofilo Braga, acerca das Cartas Curiosas do Abbade Antonio da Costa, onde se lê: «... O Duque de Lafões, que fundou em Portugal a Academia das Sciencias, nascera a 6 de maio de 1719, sendo seu pae o infante D. Miguel, filho natural legitimado de D. Pedro II e de D. Luiza Casimira de Sousa, primeira duqueza de Lafões e segunda Marqueza de

Arronches. D. João de Bragança frequentou a Universidade de Coimbra como porcionista do Collegio de S. Pedro, e depois da morte de D. João V teve de sair de Portugal por ordem de elrey D. José, a titulo de fazer acabar uma paixáo amorosa que elle desapprovava...»

Em q^to^ elle esteve em Vienna, a duqueza emprenhou d'um lacaio, e foi parir a uma cazinhola na rua do Norte. Teve noticia desta porcaria o marquez de Pombal, e fez saber á duqueza q̃ se ella se não emendasse, a fazia prender n'um mosteiro

37 — Na pág. 134, mesmo artigo: «... As mortes de casa não me fizeram a grande impressão que V. M. temia; *minha mãe* já ha muito que eu fazia de conta que ella não vivia, visto a sua edade e pouca saude; quanto a *meu irmão* tambem quasi que esperava que tivesse saido do mundo, porque ainda que parecia robusto, e se achava em annos de poder viver algum tempo, o seu grande desgoverno com mulheres promettia o não chegar elle a grande velhice.»

Que sentimentalista

38 — Na pag. 137, catalogo da biblioteca Cas-

tello Melhor: «Abreu (Alexo de) — Tratado de las siete enfermedades... Lisboa 1623 — 6$000 — Dr. Cunha.»

Tem um ex. Dom^os^ Garcia Peres de Setubal unico de q̃ teve noticia o Innocencio.

39 — A pag. 142, artigo acerca de Pedro José da Silva: «Os extrangeiros communicam de prompto, cheios de jubilo, uns aos outros, o achado que a sua boa fortuna lhes deparou; mandam fazer jantares, onde se ajustam, para por essa occasião os seus amigos examinarem a preciosidade, e mandam imprimir a obra para brindes. Isto é proprio de gente sensata. O bibliomaniaco portuguez, se possue o unico exemplar conhecido, esconde-o, não quer que ninguem saiba da existencia daquella obra, e sorri-se de compaixão e de desdem por aquelle que, tratando de bibliographia, não deu noticia d'um unico exemplar existente, escondido e bem escondido!

«Era, portanto, Pedro José da Silva um soberbo specimen do bibliomaniaco portuguez.»

Conheci este homem q̃ effectivam^te^ se ria desdenhoso q^do^ eu lhe inculcava livros raros. Nunca me disse q̃ os ti-

nha. Por sua morte, comprou-os o Rodrigues do Pote das Almas baratissimos e vendeu-os m^to^ caros.

40 — No mesmo artigo, a pag. 147, a proposito do adagio «gato escaldado de agua fria tem medo»:

Quando o gato te furta a iguaria,
Que tens á chaminé, de modo sente
Escaldarel-o tu com agua quente,
Que foje deste furto, ouvindo a fria.

Tolices.

41 — No artigo «Carta de André de Rezende a D. João de Castro sobre diversos assumptos e especialmente ácerca do estado da imprensa em Portugal em 1547» sublinhou as palavras *ipso, epsa, epse* e no final da pagina 152 escreveu:

Os dominicanos obrigaram A de Resd^e^ a largar o habito visto q̃ não se recolhia ao mosteiro. Estas hostilid^es^ eram um desabafo, visto q̃ a protecção do Cardeal — inquisidor — Henrique lhes não permittia queimar o panegyrista do Erasmo.

42 — na margem esquerda da pag 153, escreveu ao alto:

A mãe de André de R. era Angela.

43 — e sublinhou as palavras:

«....com has cousas d'este regno serem todas vagarosas, saluo hos desgostos da vida

.....

«Ha mercee seraa para mi muito grande, porque com ella poderei emparar hua sobrinha orfaã y beé pobre, com outro minino seu hirmão, hos quaes eu a meu cargo tomei.»

Pobreza desmentida pelo tradicional aceio da sua caza em Evora.

Assim vivia amiserado o mestre do infe D. Duarte e o domestico do infe D. Henrique

44 — no fim da mesma pagina notou:

Angelo Andrè de Resende e não *Lucio*, como dizem. O *L* era *Licenciado*.

45 — Na pag. 155, continua o catalogo da livraria Castello Melhor. A's cótas: «Freire de Monterroyo Mascarenhas — Obras avulsas — 31$600 — F. A. da Silva.»

Estas obras unidas não valem 10 réis.

46 — «Goes. D. de — Aliquot opuscula — 1900»

Mto raros.

47 — «Gomes de Lima Bezerra — Estrangeiros no Lima — 6$100 — Dr Cunha.»

Comprei por 10$ rs.

48 — «Guerrero. (F.) — Viage a Jerusalem — 7$150.»

Ha 2ª ed.

49 — Na pag. 156: «Henriques Bazurto (D.) — El triumpho de la virtud — 2$100 — F. A. da Silva.»

Filho de Ant.º Henriques Gomes, autor do «Cyclo Pitagonico» e outras obras. O verdadeiro nome deste Gomes era Henrique da Paz, oriundo de Portugal. Fugira de Segovia pª França. Foi queimado como judeu q̃ era, em estatua, em 1660. Supponho q̃ era neto do celebre Duarte da Paz, mtº fallado na Hist. da Inq. pr A. Herc. Devia ser seu parente outro Henrique Gomes, o *Esfola gaitas* queimado em Lisboa, e o estudtº de medicina F. da Paz tambem queimado em 1706.

50 — Na pag. 162 onde o autor transcreve da «Ambassade en Espagne et en Portugal» de Jean Serrarim, o periodo seguinte: «je me desrobay un jour pour aller veoir le rhino-

cèros qu' Emmanuel, roy très heureux de Portugal, taschant, par adventure, d'esgaler en ce la louange de Pompée le Grand, fit publiquement combattre contre un éléphant auquel il est ennemy naturel, en Lisbonne, l'an 1513.»

1513
1582
0069 Teria pelo menos 69 annos o rhinoceronte. o rhinoceronte morrera em 1517 q^d ia p^a Roma. Tambem foram 2 leopardos p^a Roma.

51 — Na pag. 167: «....avec certains cliquetis des doigts et agitation des jaretz.»

Castanhêtas.

52 — Na pag. 168: «.....L'on conte, pour monstrer que les Portugais son très grands amateurs de leurs guiteres, qu'il a esté trouvé ès despouilles du camp du roy Sébastien, de Portugal, après la route, en laquelle il fut deffait par le roy de Fez et de Maroc, environ dix mille guiteres, choise incroiable, mais à laquelle aucuns donnent couleur, parce que les Portugais s'embarquans jouoient ordinairement ce refrain: «Los casteillanos mactan los toros, los Portugaios mactan los Moros.»

Magnifico! Veja adiante, sobre guitarras pag 185.

53 — Na pag. 169, ainda ao catalogo da biblioteca Castello Melhor, cótas: «Machado da Silva — Vida de Manuel Machado — 210 — ! Fern. Palha»

Comprei p^{r}. 4500^{rs} um exemplar e outro p^{r}. 3250^{rs}.

54 — Na pag. 170: «Monteiro de Campos. (M) — Academia nos montes — 10$000 — J. M. Nepomuceno.»

Já vi comprar por 240 rs.

55 — Na pag. 173, acerca das Viagens do Barão de Lahontan en Portugal escreve F. Thomaz: «As impressões das suas viagens são escriptas em forma de carta, e a que trata de Portugal é datada de Lisboa a 10 de Abril de 1694.»

Diz adiante q̃ D. João IV lhe deu 50$ em 1694 e q̃ este escripto é datado em 1640.

56 — Na pag. 176: «C'est un ouvrage des Mores, & même des plus irrégulieres de ces temps-là.»

Asneira.

57 — Na pag. 177: «Il n'y a rien qui soit digne de remarque dans cette Ville-là, [Coimbra]

si ce n'est un double Pont de pierre, entre lequel, estant l'un sur l'autre, ou peut traverser la riviere par un chemin couvert;...»

Asn, [abreviatura de *asneira*].

58 — Na pag. 185: «On trouve, jusqu'à trois ou quatre heures aprés minuit, des joueurs de Guitarre, qui joignent à la douceur de cet Instrument des airs aussi lugubres que le *de Profundis*....»

Guitarra.

59 — Na pag. 187: «Il y a quelque temps que le comte *De Prado*, gendre de Mr le Marêchal de Villeroy, prit la peine d'envoyer à l'autre monde um insolent *Corrigidor*, qui se seroit bien passé de faire ce voyage.»

Inexactidão. 1695.

60 — Na pag. 197, na transcrição dos diarios da viagem a Portugal de B. de Monconys, onde se lê: «.Le 25. [Dezembro de 1645] l'oüys Messe à Nostre Dame de Lorette; y de là ie fus voir d'autres Eglises. Ce jour-lá, toutes les boutiques estoient ouvertes, comme le jour d'vne simple Feste.»

Esta igreja ardeu no seculo 18.

61 — Na pag. 199: «..... à qui l'Office de

Connestable estoit tousiours affecté, puis celle d'Auero, venuë d'vn bastard du Roy dom Iean premier,...»

2.º.

62 — Na pag 202 final deste artigo escreveu Camilo:

O editor devia ter corrigido as muitas tolices que se acham neste extracto.

63 — No verso da guarda dêste volume; isto é, na pagina branca fronteira á 212, Camilo registou:

Mas não se trata de apologos.

Proponho-me apresentar ao leitor tres nossos primos q̃ floresceram na corte de D Mel um mac. um onça. e rhin. Não me atrevo a dizer a V Ex que talvez lá não tivesse outros parentes, mas pelo que me respeita a mim posso gabar-me de que estes meu primos comeram menos cevada ao estado que os moços fidalgos que recebiam do meio alqueire pª cima.

64 — Na guarda, verso desta folha;

Rhinoceronte 162

Espiritualesa (D. Pedro) 108

Pobreza de Andre de Rezende 153
Elef. onça, rhin. e mac.

Imagina o leitor que eu lhe vou contar um apologo á Esopo no Lat. ou Cart. em que appareçam os tres bichos a fazer sintaxe (?) e rhetorica em linguagem portugueza. Não tenho medo. Sou um pouco do meu tempo e os apologos tinham graça quando prevalecia a crença de que os irracionaes não fallavam; mas hoje em dia que os parlamt.os e os meetings vieram confirmar que a nenhum animal é defesa o dom da palavra, o apologo não tem chiste nem moralide, por que desapparecia a divisão que separava pela baia da glottica a besta condicionalmte chamada animal da outra besta biologicamt.e chamado homem.

65 —

Logo que Darwin desfez o contraste que a velha sciencia natural estabeleceu, escusado é dramatisar os bichos. Se quero pôr duas alimarias a conversar, vou ao Jardim Zoologico de S. Bento, e, conforme o meu raio visual politico, acho ou na esquerda, ou no centro, ou na direita, ricas cavalgaduras.

IV

D. Sebastião | *o* | *encuberto* | *romance-poema* |
Lisboa — 1839.

66 — No ante-rosto:

O autor é Antonio Augusto Correa de Lacerda. que morreu Moçambique, onde era governador em 1868; escreveu com melhor juizo e estylo «A Rainha e a aventureira E' raro este livro.

C. Cast. B.co

V

Conquista, | antiguidade, e nobreza | da | mui insigne e inclita | Cidade de Coimbra | escriptas | por | Antonio Coelho Gasco | e | obras ineditas | de | Antonio de Abreu | amigo e companheiro | de | Luiz de Camões | no estado da India | offerecidas | ao muito alto, e poderoso senhor | D. João | Principe regente | por | Antonio Lourenço Caminha | Professor regio de rhetorica, e poetica. | Lisboa, | impressão regia, anno 1805. | com licença da meza do dezembargo do Paço.

67 — A pag. 15, onde se lê: «Em que bem mostráram ser grandes servos de Deos, como na verdade o erão, aquelles bons Religiosos, com que se continuou outra vez o cerco, e antes que acabasse a semana em que se querião partir, entrárão os nossos victo-

riosos pela porta, que hoje se chama da traição,...»

e que então se chamava de Genicosa. Esta porta (ou arco) foi demolida sep (?) de 1839. Era no topo da couraça de Lx.ª chamou-se da traição p.ʳ que os sold^s de D. Fernd Magno traiçoeira e ardilosam.^te se introduziram na cid.^e fingindo-se mouros.

68 — Na pag. 16: «Está o castello situado no mais alto da Cidade, sobre pedra viva mui fortalecido de altas torres, e altas muralhas, inda que hoje algum tanto arruinadas. Tem em seu circuito huma antiquissima torre, fabricada de cinco cantos, que foi edificada por Hercules...»

Asneira no caso.

69 — Na pag. 20: «Ficou Coimbra libertada, e com Bispo, que já estivera no Reinado de Revisvindo aquelle Christianismo, e grande Principe Godo, como foi Celidonio, e chamado logo em sua infancia a principio Colibria que tomou o nome latino de *Colis imbrium* que he o mesmo que outeiro de chuvas...»

Na *Biblioteque de Poche* diz-se q̃ o ponto onde ñ chove na Europa é Coimbra.

70 — Na pag. 25: «Em S. Pedro de Lorvão está um marmore na parede, «escrito de mui antigas letras Gothicas em latim, que diz em portuguez: Aqui jáz o grande Eratmundo, fortissimo soldado, o qual morreu com dura ferida da morte ao primeiro Idus de março, na era de Cesar de M.C.LXV.»

Traducção inepta.

71 — Na pag. 40: «Sendo uma nobre matrona portuguesa acusada de adulterio pelo marido, foi perante o Regedor Theodorico, «mas ela logo ahi fez voto de castidade com muitas lagrimas, causadas do aperto em que vio sua honra, tendo já sua vida nos arrebaldes da morte...»

Bonita imagem topographica.

72 — Na pag. 42: «O latim do tumulo de [Rendulsina] de seus versos he:

Ut mihi narratur, puto quod maior vocitatur
Hec mala duruviscit nulle nejuajuam discit.»

Bom.

73 — Na pag. 65: «Antes do dia desta real batalha dividio o Principe Dom Affonso seu exercito que era de mil cavalleiros e dez

mil infantes... A' rectaguarda levava Dom Lourenço Viegas e Dom Gonçalo de Sousa. A' ala direita hia Martim Moniz e Dom Lourenso Viegas, filhos do grande Egas Moniz.»

Fr. B. de Brito e Fr. Antonio Brandão (Monarchia Lusit.)

74 — Na pag. 71: «Foi o bellicoso Rei Dom Affonso casado com Dona Mafalda a mais gentil mulher de seu tempo... de que teve a Dom Affonso...»

D. Sancho o 1º.

75 — Na pag. 172: «... Foi filho de Fernão de Alvares de Andrade, do Conselho de El-Rei Dom João, faleceo de idade de quarenta e sete annos ao primeiro de Dezembro de 1507...»

1567, provavelm.te

76 — Na pag. 177, antes da palavra *Fim*.

Insignificantissima coisa.

VI

Universo Juridico, | *ou* | *Juris-prudencia universal, canonica e cesarea,* | *Regulada pelas disposições de ambos Direitos,* | *commum e patrio.* | *Offerecido* | *Ao principe nosso senhor* | *D. Joseph* | *por seu autor* | *O minimo Capellão* | *Do senhor infante* | *D. Manoel,* | *O P. Antonio Cortez* | *Bremeu* | ..... *Lisboa.* | *Na Offic. De Domingos Rodrigues* | *Anno* MDCCXLIX | *Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.*

77 — No ante-rosto:

Está como classico no Catalogo da Academia.

C. C. Branco.

VII

Amor e Melancolia | ou | A Novissima Heloisa | por | Antonio Feleciano de Castilho | Nova edição | Correcta e acrescentada | Lisboa | Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza | 1861.

78 — No frontespicio:

> Tanto no verso como na prosa, enfadonho, soporifero, archeologico. Isto está longe deste seculo duzentos annos. Em 50 annos fizeram-se trez revoluçoens litterarias acompanhando as revoluçoens estheticas. Castilho acompanhou a romantica e depois retrocedeu á pieguice classica.

VIII

Antonio Feleciano de Castilho | Theatro de Molière | Terceira tentativa | O medico á força | Comedia á antiga | Trasladada liberrimamente da prosa original | a redondilhas portuguezas | representada pela primeira vez | em Lisboa no theatro da Trindade aos 2 de Janeiro de 1869 | e seguida de um parecer | pelo Ill.mo Ex.mo Sr. | José da Silva Mendes Leal | Por ordem e na typographia | Da Academia Real das Sciencias de Lisboa | 1869.

79 — a peça termina com a seguinte quadra:

«E eu lembro ao nobre audictorio
que um dia assim de folgar,
já que esca*pei do* oratorio
não me devem enterrar.»

Camillo sublinhou a ultima silaba do «escapei» e a palavra «do», e escreveu:

Fechar uma comedia com um p...
é original.

IX

Castilho | Theatro de Molière | Quinta tentativa: O Misanthropo | Comedia em 5 actos | Versão liberrima | Por ordem e na typographia | Da Academia Real das Sciencias de Lisboa | 1874.

80 —

É a melhor comedia de Molière; e a menos paraphrastica das versoens do grande Castilho. Seria comedia da actualid^e^, se lhe mondassem umas scenas de velha farça, uns tics do seculo 18 q. enfastiam p^r^ tolos e desnaturaes. Molière, como disse G. Hegel não passava de *um bom farcista*.

X

Memorias | de | Castilho | por | Julio de Castilho | Tomo II | Lisboa | Typographia da Academia Real das Sciencias | Janeiro de 1881.

81 — No ante-rosto:

> Não se completou a obra por falta de leitores. Assim devia ser. Q^m^ é que hoje, nesta vertigem de solipsismo, se importa com a biographia poetica de Castilho.
>
> C. C. B^co^.

82 — Na pag. 336, onde se lê:

> «quando será que eu *vejo* os espaldares
> dos teus densos rosaes! teu tecto humilde!
> o cedro hospitaleiro! as alvas pombas!

e as heras do portão! e as cerejeiras,
ornamento do adro hervoso e santo...»

O cego forma imagens interiores a ponto de *as ver* intellectualm.te com bastante nitidez p.a poder dizer *vejo*.

XI

Blondes et Brunes | par | Charles Diguet | Paris 1866.

83 — Foi a tiragem, deste pouco vulgar livro, de 250 exemplares. Camilo nas guardas do seu exemplar, escreveu:

> Refinada mas gentil sensualidade. Não recorre ao termo obsceno para exprimir a vibração da fibra, a carnalidade na sua maior nudeza e febre. E' uma flor que desabrochou dentre ruinas da alma. Prende com Ovidio pela corrupção das duas epocas.
>
> C. C. Br.

XII

Cancioneiro do seculo XVII *e* XVIII.

84 — Manuscrito dividido em dez tomos, que foi leiloado quando a livraria de Camilo em 1883. Então se verificou no 4º volume a seguinte anotação:

> Neste tomo está o poema de Serrão de Castro: *Os ratos da Inquisição* (inedito). No fim ha documentos politicos indevidamente encadernados com os versos.

85 — No 7º volume tambem Camilo escreveu:

> Todas as poesias torpes deste vol., pertencentes a Thomaz Pinto Brandão, do Porto, são ineditas. O collector e copista vê-se que fazia ardentes actos de contricção dois annos depois do terremoto.

XIII

Carta de D. Luiz da Cunha ao Principe D. José.

Manuscrito.

86 — Na primeira pagina notou:

> A carta está impressa, mas cheia de erros, nos «Ineditos» dados á luz por Caminha, e n'um opusculo chamado «Testamento politico de D. Luiz da Cunha». E' documento historico de muita utilidade para a historia de D. João IV.

XIV

Collecção de documentos manuscriptos do seculo XVI, *na maior parte tocantes ao tempo d'el-rei D. Sebastiam, copiados dos originaes por um distincto paleographo. Villa do Conde. 1868.*

87 — Na primeira folha:

> Pertence a C. Castel.º Branco, como dadiva do herdeiro da livraria do Conde de Azevedo. Os originaes de que se tirou este traslado existem na Bibliotheca Publica do Porto, como legado do Conde de Azevedo.

XV

Historia | Ecclesiastica de España | primera parte qve contiene | cinco Centurias en que se trata del principio y progres | sos que tuvo la Religion Christiana en España, y de los Santos Martires, Confessores, Obispos, y Cõ | cilios que vuo enelta hasta el año de .500. | del Nacimiento de | Christo | Dirigida a Don Juan de | Idiaquez comenda | dor maior de Leon, del consejo de Estado | del Rey nuestro Señor y Presidente | del de las ordenes. | Por el Doctor D. Francisco de Padilla Thesorero de | Sancta Iglesia de Malaga. | con tablas. De Santos. De varones ilustres. De | Autores. De Capitulos. y de las cosas notables | que contiene esta Historia. | com Priuilegio Real de Castilla y Ara-

gon y Portugal. | *Em Malaga por Clavdio Bolan año de 1605.*

88 — Na guarda escreveu o Mestre:

> Contém especies antigas e referentes á historia ecclesiastica de Portugal.

XVI

Iman | Espiritual | attractivo | dos | corac, oens ao amor, venerac,ão | e sequito da Terceira Ordem Augustiniana, | dividido em duas partes, | A primeira contém a origem, progressos, e felicidades da mesma | Ordem; a Segunda a Regra, Cõstituições, exercicios, e ceremo- | nias, que os Terceiros devem observar. | Dedicado | A' Sagrada, e Milagrosa Imagem | De N. Senhora | da Graça, | Collocada em feu convento de Lisboa oriental, Padroeira, e | Protectora da mesma Veneravel Ordem. | Author o Padre | Fr. José de Santo Antonio, | Lisbonense, | Mestre na Sagrada Theologia, y Commissario da mesma | Terceira ordem Augustiniana [vinheta] *Lisboa Occidental, | Na*

officina da Musica. Anno | *de* MDCC.XXVI | *Com todas as licenças necessarias.*

89 — Na guarda, escreveu:

«E' chronica da ordem 2ª dos Augustinianos. c. 900. C. C. B.co

XVII

Jose de Sousa Monteiro | Os amores de Julia | Scenas da Antiga Roma | Lisboa | Livraria Ferin | 1886.

90 — Respeitante a esta obra escreve o sr. Antonio Cabral: «No anterosto, por baixo do offerecimento de Sousa Monteiro, Camillo condensou assim a sua critica:

> Por q. obsoletos mundos divaga perdido o anachronico talento de José de Sz.ª Monteiro!

91 — e na ultima pagina:

> Impressão de assombrosa estranheza e admiração. Não será com este livro q̃ o auctor grangeia 300 leitores.

Nunca se foi mais ao arrepio da corrente do gosto do publico. Em 1986 ninguem dirá que este livro sahiu contemporaneo de Flaubert. Que capital de trabalho perdido!

C. C. B.co

XVIII

Portugal | e os | Estrangeiros | Obra dividida em quatro partes | contendo os seguintes assumptos | I Diccionario dos escriptores estrangeiros, | que escreveram obras consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes. | com a traducção dos trechos mais notaveis dessas obras. | II Diccionario das obras portuguezas vertidas em linguas estrangeiras. | III Noticia dos portuguezes que no estrangeiro se distinguiram nas lettras, | e resenha das obras portuguezas reimpressas nos paizes estrangeiros. | IV Noticia das recordações e monumentos existentes | em diversas partes do mundo, construidos por portuguezes ou erigidos em honra delles. | Adornada de nove retratos. | Estudos de | Manoel Bernardes Branco | da Academia Real das

Sciencias de Lisboa. | Tomo I | Lisboa. | Livraria de A. M. Pereira — editor | 1879.

92 — Na pag. XVII: «Lamartine, n'uma soberba ode, immortalisa o nosso Philinto Elysio. E o leitor encontrará elogios de Chateaubriand, Racine, Boileau, Quinet e outros aos nossos escriptores.»

Elogiava o Conde da Ericeira e ridicularisava-o, em cartas aos seus amigos. Veja a edição de 1819.

93 — Na pag. 21: «A Compleat Account of the Portugueze Language. Being a copious Dictionary of English with Portugueze, and Portugueze with English. London. Printed by R. Janeway, 1701, fol. 300 pag.»

Este mesmo A. J. publicou uma Grammatica Anglo-Lusitanica em 1705, na officina de Miguel Manescal, 8º. Manoel Bernardes Branco não dá noticia desta grammatica.

Creio que o auctor é Raphael Bluteau que em 1705 estava em Alcobaça desterrado da corte como suspeito.

94. — Na pag. 35: [Asensio. G. Calvo — Lisboa em 1870. Costumbres, litteratura y artes del vecino reino. Madrid, 1870.]

«As pateadas são sempre certas tratando-se de hespanholas feias: é regra infallivel. Não ha em geral grandes bellezas no theatro portuguez: não se admiram rostos deslumbrantes de formosura na scena lisbonense: entre suas celebridades artisticas não está o publico certamente acostumado a contemplar continuamente a graça, o encanto, a correcção de linhas e a pureza de contornos, e este é o motivo por que se não comprehendem á primeira vista as rasões para exigencias *estheticas* de tanto rigor por parte dos portuguezes, quando se trata de actrizes estrangeiras.»

Queria dizer plasticas.

95 — No fim da pag. 36: «Aventures admirables ou discours des sucès du roi de Portugal D. Sebastien depuis son voyage d'Afrique en 1578 jusqu'en 1601 avec la suite. 1603».

D. João de Castro, trata do Calabrez se fingir D. Sebastião.

96 — Na pag. 40, indica Camillo, as seguintes obras que Manuel Bernardes Branco não incluiu na mesma letra:

Baçan (Dom Alvaro de) Marq. of Santa-Cruz. A Descourse of that bappened in the batell fought batewine

the two navies of Spaine and Portugall at the Ilands of Azores. Ann. Dom. 1582, 12. Lond.

—Relation of the expougnable attempt. and conquest of the ylande of tercera and all the ylands thereto adjoyning; by don Albaro de Baçan. Em 12. Lond. 1583.

97—Na pag. 44, onde se lê: «[Baillet. Adrien —Erudito francez—«Jugements des savants sur les principaux ouvrages des auteurs, 1685 a 1689.» 9 vol:] «Contra esta resposta [*al manifesto del Reino de Portugal*] appareceu o *Anti-Caramuel* para defeza do manifesto do reino de Portugal, o qual teve por auctor um portuguez, por nome de Manuel Fernandes de Villa Real. Este auctor era consul da nação portugueza em Rouen, na Normandia, quando compoz a obra, mas só a publicou em Paris no anno 1643 com o titulo de *Anti-Caramuel, ò Defença del manifesto de Portugal à la Respuesta que escrive Don Juan Caramuel Lobkowitz, Abbad de Mebrosa*».

Villa Real, garrotado em 1652, em Lisboa, como herege.

98 — Na pag. 73, cóta: [Beckford. William. — I. Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha by the author of Vathec. II. Italy with sketches of Spain and Portugal.

«Alem destas duas obras escreveu uma collecção de cartas relativas a Portugal, das quaes ainda não pude encontrar um unico exemplar, mas de que apparecem extractos na obra abaixo mencionada com o titulo de *Memoirs*. De algumas das referidas cartas appareceu uma tradução publicada no volume XII do *Panorama*, e por ella se vê descreverem os costumes e corte de Portugal interessantissimamente, no reinado de D. Maria I...»

O traductor foi o Meira, cunhado de Alexandre Herculano.

99 — Na pag. 137: «Beckford, depois de ver todas as preciosidades guardadas em Alcobaça, desejava dar um passeio para ver os campos proximos, embora o calor estivesse na sua maior força. «Quereis vós então ver nossas *colheitas*, lhe pergunta o frade, que lhe servia de guia, enfadado: olhae, porem que os coelhos agora estão todos a dormir, e que é crueldade ir acordal-os.»

Queria dizer coelheiras.

100 — Na pag. 141: «Berjumera. D. Nicolau Dias de — Litterato hespanhol.»

Benjumea.

101 — Na pag. 148: «Boileau — Um dos mais celebres poetas franceses do tempo de Luiz XIV: — Resposta á carta, que S. E. o Conde da Ericeira, me escreveu remettendo-me a traducção da minha — Arte Poetica — feita por elle em verso portuguez. 1697.»

Devia acrescentar outras cartas em que Boileau mette a ridiculo o Conde da Ericeira. — Veja: Notas ao Compendio de litteratura por C. C. Branco.

102 — Na pag. 152: «Botero. Giovanni-Benese — Escriptor italiano celebre».

São notaveis duas estancias de Botero a respeito das navegações dos portuguezes, no Cantico I do poema «La Primavera». M. Milano. 1610. 8.º. Está na minha livraria.

103 — Na pag. 160: [Briefve et Sommaire description de la vie et mort. de Dom Antoine premier du nom, et dix-huictiesme Roi de Portugal. Avec plusieurs Lettres servants à l'Histoire du Temps. Paris. Chez Gervais Alliot... MDCXXIX...

«D. Antonio, primeiro de nome, e decimo oitavo rei de Portugal, descendente em linha varonil dos reis de França, Hugues Capet, e Roberto seu filho pelo ramo dos primeiros duques de Borgonha *era filho legitimo* de D. Luiz, segundo filho do rei D. Manuel de boa memoria;...»

Asneira.

104 — Continuando: «... o que se viu claramente tanto pelo testamento do referido infante seu pae, como pelo tratamento e recepção que lhe fez o rei D. João III, seu tio, depois da morte de seu pae, deixando-lhe usar do timbre de suas armas, sem nellas haver signal da bastardia, e tambem pela estima, que d'elle fez o rei D. Sebastião, quando pela primeira vez foi á Africa, em Tanger, dando-lhe o cargo de condestavel na presença de D. Duarte, seu primo, que n'elle estava provido».

O proprio D. S.am escreve que D. Antonio lhe pedira em Tanger o condestablado que elle lhe não deu. V. mem.s reaes, por Diogo B. Machado.

105 — Na mesma pag.: «O rei D. Antonio, ainda que carecendo de forças, o esperava com grande coragem, e o referido duque de Alba

tendo desembarcado na entrada do rio Tejo, tomou Cascaes, e o castello de S. Julião, por causa da traição do governador, que estava dentro, chamado Tristão Vaz da Veiga, e aproximou-se de Lisboa. O dito rei com as poucas tropas, que tinha, o aguardou na ponte de Alcantara, e tendo alli combatido por alguns dias...

Duas horas.

106 — Na pag. 161: ... «Deve-se aqui notar que se embarcou á tardinha [D. Antonio] do dia de Reis, e começando a viajar, viram-se tres bellas estrellas no céo, o que admirou a todos por não estarem no costume de serem vistas: o navio, no qual estava, chamava-se tres Reis: um galleão de guerra, que fazia guarda para reconhecer os navios, que passavam, e observar se elle estava dentro delle, perto do qual passava, tinham tambem o nome de Tres Reis, e chegando a Calais na França a primeira hospedaria, em que entrou tinha por insignia Tres Reis.

A mesma tolice que fr. José Teixeira contou na Terceira.

107 — Na pag. 162: «O rei [D. Antonio] retirou-se para a ilha Terceira, onde mandou cortar

a cabeça a um que viera para o matar...»
Duarte de Castro.

108 — Pag. 163: «O rei [D. Antonio, disse ao general Norris]: Que depois de o ter levado até á porta de sua casa, não a fizesse apartar della; e lhe disse, que para o confirmar a respeito dos offerecimentos, que, lhe faziam de o receberem, elle iria a tresentos passos da frente com seus portuguezes, e no caso que lhe faltassem, e que elle fosse trahido, poder-se-hia facilmente retirar com todas as suas tropas para Cascaes. Ao que o general Norris não querendo anuir, o rei viu-se na necessidade de voltar a Cascaes, e alli foi constrangido a embarcar na esquadra,...»
Tudo mentira, D. Antonio fez a expedição e foi repellido.

109 — Na mesma pag.: «D'ali voltou o rei D. Antonio para Londres, onde estava então o embaixador de França, o senhor de Beauvois la Nocle, a quem deu relação do offerecimento generoso, que o rei lhe fizera, pedindo-lhe que o avisasse das noticias de prosperidade de sua magestade; e d'ali por deante se comunicavam e frequentavam até ao anno de 1594; em que o dito sr. embaixador o avisou de que podia então vir á

França; o que fez: e por este tempo foi descoberta a traição de tres, que conspiravam contra sua vida, e contra a da rainha de Inglaterra; os quaes foram executados em Londres.»

O medico Ruy Lopes, judeu, Manuel Luiz Tinoco e Esteves Gama.— Francisco Caldeira de Brito esteve tambem preso, e D. Manuel, filho do prior, foi suspeito de querer passar-se para Castella, induzido por Tinoco e por Esteves Gama.

—Vej. Lingard e Lord Bacon, e a parte que teve Antonio Perez nestas descobertas de traição contra D. Antonio e Izabel promovidas por Diogo de Mendonça, por Eredia e o marquez de...

110—Na pag. 228 entre as cotas referentes a Caillemer e Calandrelli escreveu:

Cadamosto. Luiz—Itinerarium Portugallensium, B.ª (1508).

111—Na pag. 250:—[Chatelet. Duc de—Voyage en Portugal, ou se trouvent des details intéressants sur ce Royaume, ses habitants, ses colonies. etc. Tome I... em nota:] «A nobreza era tão insolente, tão desenfreada,

que era para temer não sómente mas até mesmo de dia. Eis o que se passou em Lisboa ha algum tempo. Dois fidalgos vão em sua carruagem, e encontram um corregedor, que ia tambem na delle: era um velho de vista muito curta, que não conheceu os fidalgos, e passou sem os cumprimentar. Estes offenderam-se d'isso, desceram da carruagem para maltratar o velho, e depois de algumas representações, que este julgou poder-lhes fazer, um delles o atravessou com sua espada.»

Mentira. Refere-se á morte do corregedor Sanches, praticada pelos marquezes de Minas e Conde do Prado, ocorrida oitenta e um annos antes.

112 — Na pag. 259: «Cinco libros de la Historia de Portugal, y conquista de las Islas de los Açores en los años de 1582 y 1583. Madrid. 1591.»

Herrera.

113 — Na pag. 259: «Civil (The) War in Portugal, and the siege of Oporto. By a British officer of Hussars, who served in the Portuguese army during the Peninsular War. London, Edward Moxon, 1836, 8.°, 285 pag. (Guerra civil em Portugal)». Esta obra co-

meça na conspiração de Gomes Freire, e termina na morte de D. Pedro. Seu author, que dizem ser o coronel inglez Owen, mostra-se muito sentido pelo fallecimento deste soberano, e acerrimo partidario da sua politica.

Não era, segundo diz o filho o barão da Torre de Pero Palha.

114 — Pag. 263: [Cocio. D. Margarida Iriarte e Somallo Aymerik Biosiada. Nasceu em Buenos Ayres no anno de 1804 e depois condessa do Casal — Escreveu: «Branca, drama em quatro actos e oito quadros. Producção e engenho da condessa do Casal. Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1847».

A auctora aspou a palavra «engenho». O Evaristo Basto disse no folhetim que a producção era do engenho «borrado» do sr. F.

115 — Na pag. 265: «Comedia famosa dos successos de Jahacob e Essav, composta por um auctor celebre, estampada á custa de Abraham Ramirez e Ishac Castello, em cujo poder se acham á venda. Delft. Anno 5459 (corresponde a 1699)».

Para que vem aqui esta obra?

116 — Na mesma pag.: «Compendio de la Historia de Portugal desde el principio de su monarquia hasta el año de 1823 por Alfonso Rabbe... traducido al Castellano. Paris 1827, 2 vol. 12.º»

Tambem está vertido em francez e portuguez.

117 — Na pag. 266: [Conestagio (Jeronimo de Franchi — Gentilhuomo genovese)... Del unione del reyno di Portugallo allo Corona di Castiglia. Istoria del sig. Genova. 1589...:]

«As delicias da India, e a abundancia do commercio tendo-os corrompido não pensaram mais que em gozar do que ganharam, sem pensarem em Deus.»

Alguns papeis de portuguezes coevos dizem o mesmo.

118 — Na pag. 268: «Confutatio Nugarum Nonii Leonis, Juris Consulti Lusitani, nonnullorumque ejusce farinae interpolatorum, qui lingua, calamoque venales, ex vafris mendaciis, atque scurrilitate quaestum sibi parant, molientes, Portugalliæ regnum Philippo Austriaco, Castellæ Regi, jure haereditario obvenisse, ignaris priscorum Portugallensium morum in suis Regibus eligendis, inaugurandisque falso persuadere, et Serenissimi Principis Domini Antonii, vere legitimiq; Portu-

galliæ etc Algarbiorum Regis jus vellcare: Excerpta ex incorruptis rerum Portugallensium monimenis, sed ex eruditissimi R. P. F. Joseph Texeræ, Ord. Præd. Sacr. Theol. Magistri. ad Inquisitoris Portugalliæ Anticrisi, cujus pars magna Lugduni Galliæ anno 1589, typis mandata fuit...»

E' o auctor do «Fuera vellaco».

119 — Logo a seguir: «Dois fins tem este livro: Refutar a genealogia dos Reis de Portugal, composta por Duarte Nunes de Leão, não deixando passar occasião favoravel para dirigir insultos a este autor.»

Era hebreu. Foi feito desembargador por Filippe II.

120 — Ainda na mesma pag.: «2º Provar que D. Antonio, prior do Crato, é o legitimo rei de Portugal. Que pena, o não possuirmos um trabalho perfeito acerca da biographia d'este varão, um dos vultos europeus mais notaveis do seu tempo!»

Forte parvo! D. Antonio um dos vulto europeus, etc.!

121 — Na pag. 276: [Costigan. Arthur William — ...Sketches of Society and manners in Portugal in a series of letters from — to his

brother in London. In two volumes. London...:] «O ultimo acto do seu governo, e quando o rei seu amo estava já no leito da morte, foi casar o herdeiro presumptivo da coroa, rapaz de desaseis annos de idade com sua propria tia, mulher de trinta e um annos feitos, e foi este acto uma digna conclusão de sua tempestuosa administração.»

Que tolice! D. Maria casar com seu tio Pedro.

122 — Na mesma pag.: «Foi substituido, [o marquez de Pombal] como é usual em casos taes, por um de seus maiores antagonistas, que durante a precedente administração fôra obrigado a conservar-se muito quieto, e a pôr em acção toda a vil astucia, de que era dotado para o deixarem viver em paz...»

Visconde de Villa Nova de Cerveira.

123 — Na pag. 284: [a irmã de Costingan impressionada com a prisão do pae, tinha adoecido, e morreu no mesmo dia em que estava para casar... O major de Vianna estando a morrer declarou que subornara falsas testemunhas para denunciar meu pae á Inquisição. Ditas estas palavras, expirou... Passado coisa de anno e meio celebrou-se o

primeiro auto de fé... Todos os presos foram por suas sentenças condemnados exceptuando meu pae que tinha morrido de reumathico havia tres annos.] ...«Passados alguns dias depois d'esta noticia, logo que meu estado de saude o permittiu, transmitti a nova do fallecimento de meu pae a minha mãe, a qual depois de a ouvir deu um alto grito e morreu.»

Toda esta historieta em que tudo morre, é um romance.

124 — Na pag. 289: «Decisiones anonimi jurisconsulti. Augustœ Taurinorum, 1646, fol. Tracta da prizão de D. Duarte, infante de Portugal.»

Prefacio a respeito de D. Duarte Nunes de Leão.

125 — Na mesma pag.: intercalou na linha 29:

Decharles. L'ast naviger.

126 — Pag. 300: «Description de la ville de Lisbonne où l'on traite de la cour de Portugal, de la langue portugaise, et des mœurs des habitants; du gouvernement, des revenus du roi, et des ses forces par mer et par terre, des colonies portugaises et du commer-

ce de cette capitale. A Paris, chez Pierre Prault, 1738. 8.º 268 p.»

1730.

127 — Tambem na mesma pag.: «Entre outras praças as mais consideraveis são aquellas onde está situado o palacio real e a que se chama o Rocio.»

A Ribeira.

128 — Na pag. 303: «Em 1724 appareceu em Lisboa o cavalheiro Porta, gentilhomem de Lausanna na Suissa, para um negocio particular, que era reclamar os bens de D. Antonio, que foi antigamente proclamado rei de Portugal, de quem a esposa d'este gentilhomem descende em linha recta.»

D. Antonio. Ver Quadro elementar do Visconde de Santarem.

129 — Ainda na mesma pag.: «Houve por esta causa diversas audiencias do rei, que o recebeu honrosamente, e que nomeou duas juntas ou conselhos para a decisão de seu negocio. Porém os letrados opinaram que este gentilhomem não tinha nenhum direito legitimo, pois D. Antonio fora proscripto por Filippe II como traidor á patria, e seus bens justamente confiscados em proveito da

corôa. Depois desta decisão o gentilhomem despediu-se do rei, e este lhe mandou dar um presente.»

50 moedas.

130 — Na pag. 305: «Os [judeus] que se convertem egualmente passam por muitos desgostos. São desprezados e marcados para sempre com o epitheto infamante de «Christão novo».

Tornadiço.

131 — Na pag. 309: «A mulher ennobrece o marido: os engeitados são nobres pela supposição de que podem ter fidalgos por seus paes.»

Que asneirão!

132 — Na pag. 311: «Dinis Ferdinand, nasceu em Paris no dia 13 de agosto de 1798, onde recebeu sua educação.»

Ainda vive, anno de 1883.

133 — Na pag. 316: «Consta-nos que ha dias mr. F. Denis enviara a S. M. F. um exemplar da sua obra «Chroniques chevaleresques».

Rara e muito cara, em 1883.

134 — Na pag. 324: [Dublin. The University Ma-

gazine, n.º 160. February, 1847 — Historia de Portugal do sr. A. Herculano...] ...«A decadencia de Portugal foi mais rapida que a de Hespanha. No anno de 1588 a sua dynastia real extinguiu-se.....»

1580.

135 — Na pag. 328: «Duabymont — E — Fuora Villaco. C'est à dire la liberté du Portugal. Auquel se montre le droit chemin et vrais moyens de résistir à l'effort du Castillan, rompre le trace de ses desseins, abaisser son orgueil et ruiner la puissance... Traduit de langue castillane en langue Française par — 1641».

O autor é o frade Domingos Teixeira. Veja-se o Diccionario de Bayle, art. Tescera.

136 — Na pag. 332: «Ernault. Este francez pretendeu ser o auctor do methodo de ensinar a fallar aos mudos e surdos.»

Ha livros impressos no seculo XVII em que se trata dos surdos-mudos, e methodo de ensino. — Veja-se cath. da Liv. de Saraiva de Carvalho.

137 — Na pag. 341: «Flaugergues. M.elle Pauline

de — Au bord du Tage. Collecção de poesias. Paris, 1841.»

Veja-se o que diz Sand no seu ultimo livro a respeito desta mulher que vivia com Latouche, de quem ficou herdeira.

138 — Na pag. 344: «Fournier Edouard — Auctor dramatico e romancista francez. Nasceu em 1809.»

Morreu em 1880.

— «E: Un prétendant Portugais au XVI siécle. Lettre adressée a M. M. Dantas, sécretaire de la legation de S. M. T F. à Paris, sur D. Antonio, prieur de Crato, suivie d'etudes sur un predicateur portugais à Paris, en 1610; la Rosalinda et l'origine portugaise de la fiancée du roi de Garbe. Paris. Imprimerie de Moulde et Renou. 1851, 141 pag.»

Tiragem 100 exemplares.

139 — Na pag. 344: «Fourrier Ortaire, chanceller da legação franceza em Lisboa. Revue Lusitanienne. 2 tomos. Lisbonne, 1852..... «Ha principalmente um contemporaneo do immortal auctor dos «Lusiadas», e que talvez occupa immediatamente logar depois

d'elle no antigo Parnaso, Jeronymo Corte Real, que mais que nenhum, padeceu este infeliz destino [ser para o mundo litterario como se nunca tivesse existido]. E todavia Corte Real é uma dessas intelligencias extraordinarias, das quaes o céo é avaro, um desses sublimes encantadores, cuja voz harmoniosa evoca todos os poderes creadores do pensamento, cuja imaginação rica e fecunda abre um largo rego no magnifico campo da poesia, e faz produzir magnificas searas.»

Que parvoices!

140 — A' nota que se lê na mesma pag.: «Fournier é um dos escriptores francezes mais antigos e entendidos da nossa historia e litteratura. Traduziu em francez a ballada «Rosalinda».»

Quer dizer amigos.

141 — Na pag. 358: «Grammatica Portugueza. Vocabulario em portuguez e malabar. Tranquebar, 1733.»

Falta: Grammatica Anglo-Lusitanica, n.º 1. Lisboa, 1705, em 8.º.

142 — Na mesma pag.: «Granada. Fr. Luiz de — Celebre escriptor ascetico, frade da or-

dem de S. Domingos. Nasceu em Granada no anno de 1504 e falleceu em Lisboa no anno de 1587. Jaz ao entrar a porta travessa em S. Domingos de Lisboa.»

Duvido.

143 — Na pag. 363: |Guingret — Chef de bataillon en demi-activité, et officier de l'ordre royal de la Legion d'Honneur.| ...Relation historique et militaire de la campagne de Portugal sous le marechal Massena, prince de Essling..... «Citarei o sangue frio de alguns artilheiros portuguezes no cerco de Almeida, que tendo tido a felicidade milagrosa de sobreviverem á explosão, continuaram a disparar suas peças emquanto os destroços da praça ainda voavam e ameaçavam esmigalhal-os. Gostamos de admirar a coragem, mesmo em nossos inimigos.»

Apraz-nos.

144 — Na pag. 372: «Hardung. Victor Eugene — Cancioneiro d'Evora publié d'aprés le manuscrit original et accompagné d'une notice litteraire-historique par — Lisboa. Imprensa Nacional, 1875. 77 pag.»

Morreu no Porto ahi por 1878.

145 — Ainda na mesma pag.: «Harley. Captein.»

Harrison (W. H.) the touriste in Portugal. London, 1839, 8.º. Vem no ult.º additamt.º

146 — Na pag. 376: «Herrera. Ferdinand. Um dos mais notaveis poetas hespanhoes, cognominado por seus contemporaneos o «Divino». Nasceu em Sevilha no anno de 1534 e falleceu em 1597. Suas duas mais notaveis odes teem por assumpto a batalha de Lepanto e a morte do rei D. Sebastião na desastrosa batalha de Alcacer-Quibir. A traducção francesa desta ultima, que appareceu no «Magasin Pittoresque» é da maneira seguinte:»

Seria melhor publicar o original. (Ver se vem nos poetas esp.)

147 — Na pag. 387: «Histoire secréte de D. Antonio, roy de Portugal, tirée des memoires de D. Gomes de Vasconcellos Figueiredo. Paris, 1696.»

E' a mesma obra inscripta no n.º 1234 do 2.º tomo.

148 — Na pag. 387: «Histoire des Brigands célebres et des bandits fameux en France, en Angleterre, en Italie, en Espagne, en Belgique, en Portugal, en Suisse et dans les au-

tres pays du monde. Tirée de tous les documents authentiques. Paris, 1837.»

Está traduzida no Brazil.

149 — Tàmbem na mesma pag.: «Historia de Portugal, composta em inglez por uma sociedade de litteratos, trasladada em vulgar com as addições da versão franceza, e notas do traductor portuguez Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. Lisboa, na officina da Academia Real das Sciencias, 1788, 8.º»

Ha uma edição com correcções de Hipolito. (1808).

150 — Na pag. 402: «Holland. James — The tourist in Portugal illustrated from paiting. London, 1839.»

Ver se esta obra é a de Harrison, pag. 432 do 2.º tomo.

Hough (James) The history of christianity in India, from the commencement of the christian era, 1839, London, 2 tom. 8.º.

151 — Na pag. 405: Hughes T. M. — Author of Revelations of Spain — The Ocean Flower, a Poem. Preceded by an whistorical and descriptive account of the Island of Madeira;

a summary of the discoveries and chivalrous History of Portugal and an Essay on Portuguese Litterature by. — London, 1845..... «Nesta obra apparecem traducções inglezas de algumas poesias de Filinto Elysio, de Bocage «(talvez o melhor improvisador que o mundo jamais possuiu.» (pag. 86) Nicolau Tolentino, poeta satyrico muito admiravel. (pag. 95) Almeida Garrett e A. F. de Castilho. *D'este ultimo não se mostra Hughes muito admirador.*»

Asneira.

152 — Na pag. 413: — «Jackson (Lady) — Fair Lusitania! A Portuguese Sketch Book. By — With twenty very beautiful full-page illustrations. London, 1874. (Bella Lusitania! Livro de esboços portuguezes, etc.).

Não é este o titulo. Provavelmente este titulo é copiado do periodico que o annunciava.

153 — Na pag. 426: «Laet (Jean) — Geographo belga. Era director da Companhia das Indias..... «II — Historia naturalis Brasiliæ, in qua G. Pisonis de Medecina Brasiliensi et G, Maregravii Historiae Rerum Naturalium Brasiliæ cum annotationibus. Leyde, 1648, fol.»

III De imperio Magni Mogolis sive Indiavera commentarius. E variis auctoribus congestis. Lugd. Bat. 1631. Elzer.

154 — Na pag. 426: «Lafitau. Joseph François — Missionario francez. Nasceu no anno de 1670, falleceu na mesma cidade em 1740. — E: Histoire des descouvertes et conquetes des portugais dans le nouveau monde, avec des figures en taille douce par..., de la Compagnie de Jesus. Paris, 1733, 2 vol., 4.º. Paris, 1734, 4 vol. 8.º.

Traduzida em 4 tom. em 12, pelo Capitão Manuel de Sousa.

155 — Na pag. 463: Lusitanian (The) scenes and sketches, in Portugal. Porto, 1844. (Scenas e bosquejos lusitanos).

Traduz pessimamente. O *Lusitano*, Scenas e bosquejos de Portugal.

156 — Na pag. 492: [Merson. Olivier: — Guide du voyageur à Lisbonne. Histoire — monuments — mœurs. Paris... 1857.] «D. Affonso Henriques morreu em Coimbra em 1585.»

Com 600 annos d'ed^e.

157 — Na pag. 505: «Moreli. Dr. Juan Baptista

— Reducion y restituicion del reyno de Portugal á la serenissima casa de Bragança en la real persona de D. Juan IV, rey de dicho reino con las razones, y causa de la confederacion que celebro con el rey christianissimo y otros principes. Discurso moral y politico. Turim, 1648.»

Fr. Fulgencio Leitão Moreri.

158 — Na pag. 528: «Observations intéressantes et relatives au procès des Jésuites en Portugal. Sem data nem logar de impressão.»

O Dally.

159 — Na pag. 533: «Owen (Hugh) — Here and there in Portugal. Notes of the present and of the past, by — with illustrations after photographs. London, 1856.»

Barão de Pero Palha.

XIX

Portugal | *e os* | *Estrangeiros* | ..... | *Tomo* II | *Lisboa* | ..... | *1879.*

160 — A pag. 19: «Philaléthe. Theophile — Lettre consolatoire au serénissime D. Christophe, prince de Portugal, sur le facherie qu'il a des tristes nouvelles que son très chere frère ainé D. Emmanuel a quitté la Hollande, et s'est retiré à Bruxelles, par — Paris, 1626, 16.°.

Quando passou para o serviço de Castella.

161 — Na pag. 27: «Portugal and Gallicia, with a review of the social and political State of the Basque Provinces, and a few remarks on recent events in Spain. In two volumes. London..... [o autor, Conde de Carnarvon,

escreve :] «Finalmente cheguei a Ponte de Lima, e andei vagabundo ao longo das margens do delicioso Cavado.»

Asneira.

162 — Na pag. 29: «Portugal in 1872. Constitucional life of the latin race. An essay published in january 1873 in the Diplomatique Memorial of Paris presented by the translator to the Portuguese Bond-Holders. Lisbon...

... tendo ha pouco [Portugal] atravessado uma terrivel crise financeira resultante das enormes sommas dispendidas nos melhoramentos publicos, o paiz dentro de poucos annos sahiu d'estes apuros, sem recorrer áquelles meios violentos e reprehensiveis, que outros estados maiores, mais ricos e com pretensões a mais civilisados não hesitaram empregar em circumstancias identicas. «Durante esta crise, quando se viram obrigados com o fim de pagar letras e satisfazer aos encargos, a tomarem dinheiro emprestado de desasete a vinte por cento ao mez...

Asneira.

163 — Na pag. 31: «Jornadas da Capital ás extremidades do reino eram mais demoradas e

dispendiosas do que atravez da Europa, de Paris a S. Petersbourg; tal o estado em que um viajante contemplava Portugal em 1851.»

Este livrinho é uma reproducção das Antiq. de A. de R., e uma versão litteral. O collector apenas escreveu algumas linhas de introducção com referencia á Separação de Portugal feita no anno anterior, e sem entrar na questão de direito, nota a carnificina que os proceres fizeram em Mg. V.os. Traducção de Rezendé, de Duarte N. de Leão, de N. de Oliv. de V.los, de Pedro de Mariz, de Damião de Goes.

164 — Na pag. 31: «Portugalliæ, sive de regis Portugallicæ regnis et opibus commentarius. Lugduni Batavorum, 1741. Commentarios ácerca dos reinos e riquezas de Portugal.»

Cumpre emendar o titulo erro da da impressão do livro, e a interpretação portugueza. PORTUGAL LIA SIVE DE REGIS, etc. Lugd. Batavi. Elzeviriana CIC LCC XLVI (1641).

Portugal ou commentario das possessoens e dominios do Rei de Portugal.

165 — Na pag. 79: «Pyrard. Francisco de Leval

—Viagem de..... Nova Goa, 1858... «Quando as mulheres querem gosar de seus amores em toda a segurança, dão a beber a seus maridos d'estes fructos [Datrós] desfeitos em alguma bebida ou caldo, e uma hora depois ficam atordoados, e como insensatos, cantando, rindo, e fazendo mil momices, porque perdem então todo o conhecimento e juizo, nem sabem o que fazem, nem o que se faz em sua presença.»

Fabula.

166 — Na pag. 107: «Raczynski (Athanasio Conde de)... Les arts en Portugal. Lettres adressées à la Societé artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documents. Paris... 1646...

«Nada me attrahia mais vivamente do que a residencia da familia Telles. [em Coimbra.] Foi alli que viveu D. Maria Telles, foi alli que dominado por um injusto ciume seu esposo lhe deu a morte. Vi a escadaria na qual foi commetido o crime. A entrada da casa está ricamente ornada; é uma das mais antigas partes do edificio. O todo forma um grupo de casas do mais pittoresco aspecto: são construcções de epocas differentes, bustos salientes de uma bella esculptura; ornatos de muito bom gosto recordam o buril

de Cellini, e denotam um notavel sentimento artistico: nada se poderia ver mais gracioso. (ob. cif. 474)»

Casa de Sub-Ripas, construida em 1500 e por tanto onde não podiam ter vivido os Telles.

Os medalhões entalhados a esmo nas paredes do edificio, claro é que vieram d'outro edificio, talvez anterior á monarchia e de adornos mouriscos.

167 — Na pag. 122: «Admirei no gabinete de estudo do sr. Forrester [no Porto] grupos de barro, que julgo terem provindo de Hespanha, pois que as obras d'este genero executadas no Porto, ainda que muito bem feitas, teem na minha opinião menos merito artistico.»

Estes grupos de barro foram vendidos a Antonio B. Ferreira, que os vendeu muito baratos, e vieram depois até aos adeleiros.

168 — Na pag. 139: «Relation des troubles arrivées dans la cour de Portugal en l'année 1667 et en 1668 où l'on voit la renonciation d'Alphonse VI á la couronne, la dissolution de son mariage avec la Princesse Marie

Franc. Isabelle de Savoie et le mariage de la même princesse avec le prince dom Pedro, régent de ce royaume, et les raisons, qui en ont eté allegées à Rome pour en avoir dispense. Paris, 1674. Amsterdam, 1674... «Portugal por este tempo appresentava um espectaculo extraordinario á Europa. D. Affonso, filho indigno de D. João de Bragança, alli reinava: era furioso e imbecil. Sua mulher, filha do duque de Nemours, enamorada de D. Pedro, irmão de Affonso, ousou conceber o projecto de desthronar seu marido e de casar com seu amante. O embrutecimento do marido justificou a audacia da rainha. Era d'uma força de corpo acima do usual; tinha tido publicamente d'uma mulher mal procedida um filho, ao qual reconhecera.» [Voltaire. Oeuvres completes. Vol. VIII.]

Mentira.

169 — Na pag. 145: Antes de Riedlingen, escreveu:

Ricordati (Pietro) — Historia monastica.

Roma, 1575 — (Dedicada a D. Sebastião).

170 — Na pag. 155: Robinson. J. C. — A antiga escola portugueza de pintura com annota-

ções ácerca dos quadros existentes em Vizeu e Coimbra, e attribuidos por tradição a Grão Vasco... «Escusado é dizer que o Vasco Fernandes do Conde de Rackzynski, filho de Francisco Fernandes e nascido em 1552 não pode ser o Vasco Fernandes da pintura do sr. Pereira. Este quadro foi sem duvida alguma executado cerca de trinta annos antes do nascimento d'aquelle Vasco; julgo alem d'isso provado que o Vasco de 1552 não foi o pintor dos quadros da sacristia, como sempre o suppoz Rackzynski. Com tudo é fóra de duvida que um Vasco Fernandes nasceu em Vizeu em 1552, e tambem é certo que Francisco, seu pae, era pintor, mas ao mesmo tempo não ha prova alguma que o filho seguiu a profissão do pae. Não poderá admittir-se que Francisco Fernandes era filho ou parente de Vasco Fernandes do quadro assignado?

Distingue os dois pintores Vasco e Velasco, que são o mesmo individuo. Vasco Fernandes quando rubricava os seus quadros com o nome em portuguez punha Vasco, se por ventura se assignava em latim, punha Velasco. Robinson confundiu o *us* latino final de Velascus com *o*.

171 — Na mesma pag.: «Vejamos agora em resumo qual é o estado presente dos nossos conhecimentos ácerca dos pintores da escola de Vizeu: o seu catalogo é como segue...

... VIII — *Ovia*. O pintor de Christo apresentado á populaça, em S.ta Cruz de Coimbra.»

Asneira OVIA. Optimo vere incomparabili amico.

172 — Na pag. 179: Rozmital. (Leão de) viajante do seculo XV, e do qual existe uma das mais antigas viagens que se conhecem a respeito de Portugal com o seguinte titulo: — Itineris a Leone de Rozmital nobili Bohemo annis 1465-1467 per Germaniam, Angliam, Franciam, Hispaniam, Portugalliam atque Italiam confecti. Stuttgart, 1844... [Escreve o illustre viajante:] «De Barca d'Alva a Villa Pouca *(¿ Alebra Paucam)* ha sete milhas: esta povoação está situada entre montes. O caminho para ella é pelo meio de grandes serras, onde raras são as arvores, á excepção de castanheiros. De Villa Pouca a Mondim de Basto (? Varco deboule) ha o espaço de seis milhas.»

Arco de Baulhe.

173 — Na mesma pag.: «Para os que se affas-

tam d'esta povoação, (Povoa de Lanhoso, apparece ao lado um templo entre montes, no qual foi sepultado S. Domingos (S. Gonçalo d'Amarante?) e ali vimos seu sagrado corpo.»

S. Martinho de Dume. Que asneirão era o traductor. Foi pôr Amarante ao pé de Lanhozo. S. Gonçalo de Amarante, está situado em uma chãn junto ao rio Tamega, seis leguas ou mais distante de Lanhozo.

174 — Na pag. 180: «Partindo de Braga chegámos a Ponte de Lima, que está situada entre serras, e a cinco milhas de distancia d'aquella cidade. Os que se dirigem para esta povoação teem de passar pelo rio Cavado, o qual corre perto de Braga, sendo uma ponte não muito extensa. Porém aquelle rio que passa por Ponte de Lima tem o nome de Lima; este tem tambem uma ponte de cantaria bem extensa.»

Tinha sido reconstruida por D. Pedro I.

175 — Na pag. 191: «De Agueda ao Sardão (Anneladum) correm quatro milhas; tambem é uma aldeia situada entre montes, pequena, e constando apenas de quatro choupanas. Do Sardão a Coimbra a distancia é de tres mi-

lhas. Esta cidade e castello é regado pelo rio Mondego (Monda), que lhe passa pelo meio, e se atravessa por uma ponte não muito comprida; está situada entre montes na encosta de um outeiro.»

O Mondego n'esse tempo corria muito fundo, e as margens eram altas ribanceiras; sobre a esquerda alteava-se o mosteiro de Santa Clara, hoje soterrado.

176 — Na pag. 197: Aproveito [escreve M. Bernardes Branco] esta occasião para agradecer a um dos mais distinctos cultores do nosso bello idioma o ex.mo sr. Camillo Castello-Branco o obsequio de me ter emprestado as «Viagens de Rozmital», sem o que ter-me-hia sido impossivel haver feito a traducção d'ellas, escriptas n'um latim tão barbaro. D'esta obra até hoje apenas tenho visto dois exemplares.»

Ha outra versão de C. C. Branco nas «Coisas leves e pesadas». Se B. Branco a visse, corrigiria muitas asneiras da sua.

177 — Na pag. 203: «Sausevino. D. Camillo — Por ordem do marquez de Sande, embaixador extraordinario de Portugal na corte de

França, traduziu este padre para portuguez a primeira parte da celebre obra do padre Lourenço Scupoli, intitulada *Combate Espiritual*. A referida traducção imprimiu-se em Paris.»

Se isto era motivo para que tal auctor entrasse na lista!

178 — Na pag. 204: «Schaefer. Dr. Heinrich. Professor de historia na Universidade de Giezen — Geschichte von Portugal... Hamburgo, vol. 1.º, 1836, 2.º vol. 1839... Parte d'esta obra acha-se vertida da traducção franceza para portuguez, n'uma linguagem horropilante, e impressa em Lisboa. E' historia digna d'uma boa e completa traducção, pois n'este genero é o melhor trabalho feito por extrangeiros.»

Antonio Vicente de Carvalho (desembargador).

179 — Na pag. 204: «Bem quanto privado; estamos de proseguir jornada com tão agradavel guia, pois nos declara que poz por agora ponto para ir escrever a Historia de Hespanha, que deve primeiro trazer a certa altura, e passar depois á época brilhante da historia portugueza. Portugal no seculo XVI de-

verá em verdade ser obra digna de estampar-se com letras de ouro.»

Não continuou.

180 — Na pag. 205: «Schlegel. F. — Histoire de la litterature ancienne et moderne... Traduit de l'allemand. Paris, 1829..... «E' no principio e no fim do seu poema que Luiz de Camões se apresenta com a maior dignidade como poeta. N'elle falla com amor e inspiração do joven rei D. Sebastião que foi tão desditoso, e que arrastava um reino até então florescente para o seu funesto destino: mas exhortando-o e advertindo-o seriamente como cumpria a um ancião, que por tão longo tempo tinha trazido as armas, fallar a seu rei.»

Incitava-o enthusiasticamente a fazer a guerra á moirisma.

Bom conselheiro!

181 — Na pag. 228: «Southey. Robert — nascido em Bristol pelo anno de 1774 e fallecido em 1843... «A livraria de Southey comprehendia muitos e valiosos livros portuguezes impressos dos nossos auctores de melhor nota; e além d'elles uma importante e variada collecção de manuscriptos, relativos á historia civil e litteraria de Portugal.»

R. Southey prefaciou o Amadis de Gaula de V. de Lobeira, e attribue a D. Antonio, prior do Crato, um soneto de Antonio Ferreira.

182 — Na pag. 243: «Tams. Dr. George — Portugiesische Besitzungen in Sud-West Africa Mit einem Vorworte von Prof Carl. Ritter. Hamburgo, 1845..... «Ribeiro dos Santos, negociante, e consul geral portuguez em Altona, resolveu fazer uma expedição commercial á costa occidental de Africa com uma esquadrilha... A 28 d'esse mes [outubro de 1841] saiam já os navegantes [de Benguella] para Loanda, onde entraram a 4 de novembro, fazendo escala por Novo Redondo. Dois mezes depois regressaram a Benguella, e o doutor Tams partia com a nomeação de cirurgião-mór d'aquella cidade pelo governador de Angola, e com promessa de melhor logar em Loanda: accometeram-no então as febres climaticas: o sr. Ribeiro dos Santos falleceu aos 17 dias de doença...»

Com a morte de Ribeiro dos Santos e a total perdição dos generos embarcados, falliu a casa de Hamburgo, arrastando n'essa perda a fortuna do socio José Gomes Monteiro, bem

conhecido litterato, e de seus irmãos residentes no Porto. Depois melhorou com heranças que lhe advieram pela mulher.

Afinal fez-se livreiro, desfez-se do negocio, e morreu deixando uma filha, Julia Monteiro, que se parece com a mãe.

183 — Na pag. 253: «Torneros. D. Benigno José Fernandes — Nasceu em Saragoça, no anno de 1814. — Manual theorico e pratico de tachigraphia portugueza, ou novo methodo para se escrever n'este idioma tão depressa como se falla, sem o auxilio de mestre. Porto. Typographia da «Revista», 1859.»

A que vem aqui esta obra que nada diz de Portugal?

184 — Na pag. 254: «Tovar. D. J. Pellicier de — Mission Evangelica al reino del Congo por la Serafica religion de los capuchinos por — Madrid, 1649.

Este homem escreveu a genealogia de D. Manuel Eugenio, conde de Trancozo, bisneto do Prior do Crato. Entre varias asneiras diz que um F.º de D. Antonio Prior do Crato, illegiti-

mo, era filho de D. Guiomar Coutinho, que foi casada com um irmão de D. João III. Ora essa senhora morreu antes de nascer o Prior do Crato.

185 — Na pag. 264: Twiss. Richard — Voyage en Portugal et en Espagne, fait en 1772 et 1773 par... Gentilhome anglois, membre de la Société Royale. Traduit de l'Anglois. Orné d'une carte de deux royaumes. Berne, chez la Société Typographique, 1776.»

O titulo é em inglez.

186 — Na pag. 267: «A 4 de fevereiro cheguei a Pombal, e no dia seguinte estava em Coimbra, onde ha cinco familias inglezas, das quaes uma é a de um medico. A 6 de fevereiro sahi d'essa cidade, e passados tres dias, cheguei a Villa Nova de Gaia.»

Não falla dos copos de corno.

187 — Na pag. 292: «Venturino. João Baptista [fazendo parte da comitiva do cardeal Alexandrino que em 1571 veio, como enviado do Papa Pio V, aos reis de França, Hespanha e Portugal], tomou a seu cargo descrever em italiano o processo da viagem. Extrahiremos as mais curiosas passagens da

copia que temos diante de nós, tirada do codice 1607 da Bibliotheca do Vaticano:

«Esta capella (a dos paços d'Alcaçova) é de bom tamanho. Tem um S. Miguel expulsando Lucifer, que é obra de mestre: está forrada de tapeçarias, uma das quaes representa ao natural el-rei D. Manuel rodeado do conselho dos grandes, quando resolveu mandar conquistar as Indias, que hoje chamam de Portugal. E' de grande preço.

«Quando o legado voltou para a sua camara (depois da segunda visita de cerimonia a el-rei) os administradores do thesouro real lhe levaram para ver uma sella de diversas peças, com os demais arreios, feita na India. O corpo d'ella, ou assento, é de oiro e as orlas lavradas subtilissimamente. Está toda semeada de rubins, diamantes, perolas, e outras joias semelhantes. Dizem que vale novecentos mil escudos, e é peça só digna de um rei.»

Foi roubada em 1589 depois da batalha de Alcantara. Foi ao poder dos Filippes que a mandaram vender em Florença. Novecentos mil escudos, são trezentos e sessenta contos de réis.

188 — Na pag. 295: «Vida de D. Fr. Bartolomé

de los Martires, del Orden de Santo Domingo, Arzobispo de Braga, en Portugal, traducida en Castellano de la que escrivieron en frances, de un modo nuevo y muy edificante, los reverendos padres de la misma Orden de Predicadores del Noviciado General del Convento de San German de Paris. Representada con su espiritu y sus dictamenes, tomados de sus proprios Escritos, y sacada de la Historia, que en diferentes lenguas escrivieron graves autores, de los quales fue el primero el V. Fr. Luis de Granada. Em Madrid. Imprenta de Manuel Fernandes, Anno 1737, 512 p.»

Foi traduzida depois para portuguez.

189 — Na pag. 296: «Vie de Dom Barthelemy des Martyres, Religieux de l'Ordre de S. Dominique. Archevesque de Brague en Portugal. Tirée de son Histoire écrite en Espagnol et en Portugais par cinq auteurs, dont le premier est le Pere Louis de Grenade. Avec son esprit e ses sentimens pris de ses propres ecrits. Nouvelle edition. Paris. Chez Pierre le Petit, 1664, 109 p.»

Esta vida traduzida do Castelhano, foi depois traduzida do francez para o hespanhol, em 1737.

190 — Na pag. 312: «Veimar. Elisa Loeve. — Esta celebre dama, que pertencia á melhor sociedade de Paris, casou com o jornalista portuguez José Joaquim Gonçalves Basto. Sua belleza tinha sido entusiasticamente elogiada por Jules Janin, como assevera o seu biographo o sr. Camillo Castello Branco.»

Vem aqui descabida esta senhora, que nada escreveu a respeito de Portugal.

191 — Na pag. 329: «Supplemento e Additamentos ao Diccionario de Escriptores Estrangeiros — *Lusitania!* La piu bella del monde e nobil parte! — João Baptista *Marin,* Flores Pindi.»

Marino.

192 — Na pag. 342: «Bray. Ignez de Castro. Tragedia em inglez. Paris, 1875. Falla d'esta obra o sr. Visconde de Castilho, (Julio) no seu drama intitulado *D. Ignez de Castro*, p. 345. A respeito dos tres artigos Bray tenho varias duvidas, mas actualmente não me acho habilitado para as resolver. Preciso examinar as obras mencionadas nos artigos 172 e 173, para ver se o auctor é o mesmo, se as obras são as mesmas, e se ha mistura de palavras em o n.º 173. Mas que fazer? Não

me consta da existencia de nenhum exemplar nem nas bibliothecas publicas, nem em poder de algum particular. Fica de remissa para outra edição.»

E' boa!

193—Na pag. 350: «Çurita. Geronymo—Los cinco libros primeros de la primera parte de los Anales de la corona de Aragon, compuestos por... 1562. Ha varias edições d'esta obra.»

Ha só a 2.ª, é de 1610.

194—Na pag. 352: «Drabymon. J. D.—Fuora Villaco; c'est à dire: la liberté de Portugal. Auquel se montre le droit chemin, et vrais moyens de resister à l'Effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abaisser son orgueil, et ruiner sa puissance. N.º 380.»

Drabymosa—Padre Teixeira—Ver Bayle na palavra Teixeira.

195—Na pag. 360: «Guevara. Antonio de—Libro llamado de privados y doctrina de cortisanos. Libro llamado Menosprecio de Corte y Alabança de Aldea, dirigido al muy alto y muy poderoso señor Rey de Portugal, D. Juan III. Libro de los inventores del arte de

marear y de muchos trabajos que passan en las galeras. Anvers, 1539.»

Não diz nada a respeito de Portugal.

196 — Na pag. 361: «Hardung. Victor Eugene— ..... — Romanceiro portuguez, coordenado, annotado e acompanhado d'uma introducção e de um glossario, por... Leipzig, 1877, 2 vol. Formam, parte da collecção de Brockaus, dos auctores portuguezes, t. VII e VIII. Comprehende este romanceiro todo o romanceiro de Garrett (exceptuando os romances A *Peregrina* e *Bernal Francez*), parte do romanceiro do Algarve do sr. Estacio da Veiga, e o Romanceiro geral e contos populares do Archipelago Açoriano, do sr. Theophilo Braga. Na sua introducção, Hardung historia os modernos estudos sobre a poesia popular em Portugal, e conclue com estas promessas: «Intenciono publicar em breve uma «Historia da poesia dos romances em Portugal» a qual espero ministrará aos numerosos amigos d'este genero de creações poeticas, bastantes recursos para penetrarem na comprehensão intima d'estas composições da alma popular tão dignas de attenção e de estudo minucioso.» Este escriptor veiu expressamente a Portu-

gal com o fim de aprender a lingua portugueza e nos jornaes de Colonia publicou alguns artigos sobre os nossos costumes.

Morreu no Porto, no hospital, em 1879.

197 — Na pag. 370: «Jovio. Paolo — Escriptor italiano celebre.— Elogios e vidas breves de los cavalleiros antiquos y modernos, illustres en valor de guerra, que estan al bivo pintados en el museo de — Granada, 1568. Epigramma de D. Miguel da Sylva cardeal de Portugal, a Camilo Vitelo.»

Bispo de Vizeu.

198 — Na pag. 390: «Marche. Olivier — As «Memorias» d'este escriptor francez, organisadas entre 1435 e 1488, são a fonte mais preciosa, que se póde encontrar sobre as origens tradicionaes das Quinas portuguezas. Podem-se consultar na «Collection compléte des Mémoires relatifs à l'Histoire de France», par Petitot, t. IX, 2.ª serie, pag. 107. É para admirar que na celebre polemica sobre o Milagre d'Ourique, nenhum dos contendedores se lembrasse de interpretar um texto tão importante.»

Elle nasceu em 1426.

Elle mesmo declara que principiou

a escrever em 1492. Disse que principiou a escrever aos 66 annos da sua vida. Por estas e por outras me custa a acreditar o sr. C.ª Seixas, quando elle me diz que o sr. T. B. é doutor.

Se T. B. tivesse lido a interpretação de A. Herculano, apprendia a escrever com acerto. Alexandre Herculano interpretou-as perfeitamente.

Veja «Opusculos», o que é para admirar é que T. B. não visse largamente interpretado o importante texto por A. H. em um dos seus escriptos de polemica, intitulado «Solemnia Verba», por causa do Milagre de Ourique.

Veja o t. III dos «Opusculos» desde pag. 150 até 154. Além d'isso o texto estava interpretado desde 17... pelo padre Pereira.

199 — Na pag. 401: «Mendoza. D. Inigo Lopez de — Marquez de Santilhana. Obras de... Madrid, 1852. — Ninguem tem podido dizer que viu o codice do *Amadis*, conservado na livraria dos Duques de Aveiro! Os srs. D. Amador e Paschoal que estudem o assumpto; e verão se houve ou não quem os visse.

Quem não está habilitado para tratar de certos assumptos, não se mette n'elles.»

Eu tomo para mim o conselho que o sr. B. dá com... ao sr. Amador de los Rios. «Quem não está, etc.»

200 — Na pag. 402: «Mestsckerski. Le Prince Elim — Camoens, drame en un acte et en vers. Imité de l'Allemand. Este drama faz parte d'um volume de poesias, que sob o titulo de «Les Roses Noires», o mencionado principe publicou em Paris, em 1845, e occupa as pag. 119 a 159. Este drama é tão disparatado como o de Victor Perdoux. Apresenta Camões com um parche preto sobre o olho esquerdo, tendo por companheiros no drama: D. José *Quebedo* Castel Branco, rico mercador; Perez, seu filho, e um Mestre enfermeiro do grande hospital de Lisboa.»

De Viade.

201 — Na pag. 403: «Monsieur M * * * — Voyages faites em divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France, et ailleurs. Por... Amsterdam, 1699. ...As villas de Portugal são muito bellas, e as casas muito melhor construidas que as de Hespanha, tendo as casas varias chaminés. A maior

parte d'estes logares acham-se rodeados de laranjeiras e de limoeiros, os quaes são tão encorpados como os bellos mais olmos da França... Os portuguezes trazem por armas a espada e o punhal. São ainda mais ciumentos de suas mulheres do que os hespanhoes, e saem mais raramente de suas casas, que as de Madrid, donde provém dizerem ellas que apenas vão á egreja tres vezes na sua vida, isto é, quando se baptisam, quando casam, e quando são enterradas... Esta viagem póde dar alguns esclarecimentos ácerca do modo de viver de D. Pedro II e de sua mulher D. Maria Francisca Isabel.»

Quem era?

202 — Na pag. 420: «Pyrard. F. da Laval—Voyage contenant sa navigation aux Index Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil. Paris, L. Billaine, 1679. As viagens de Pyrard são mui frequentemente citadas na «Historia Natural» de Buffon. A traducção d'estas viagens, que se publicou em Goa, é trabalho do ex.mo sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.»

Morreu em 1879.

203 — Na pag. 436: «Alarcon. D. Antonio Suarez de — Relaciones genealogicas de la Casa

de los Marqueses de Trocifal condes de Torres Vedras. Madrid, 1586.»

Era portuguez. 1656.

204 — Na pag. 437: «Azara. D. Felix — Descripcion é historia del Paraguay y del Rio de la Plata. Mencionada no «Catalogo de la Bibliotheca del congresso de los deputados». Madrid, 1857.»

Tolice.

205 — Na pag. 452: «Hübner. O sr. Antonio Francisco Barata, mancebo que em muitos trabalhos tem dado provas da sua assidua applicação ao estudo...»

Tem cincoenta annos.

206 — Na pag. 454: «Morelli—Reducion y restituycion del Reyno de Portugal, etc. Innocencio (vol. III, pag. 101), diz que Morelli é um pseudonymo, e que o auctor do livro fôra um frade graciano por nome Fulgencio Leitão.»

Moreri — Bayle.

207 — Na pag. 459: «Albert. Emile — Da Universidade de Paris — Les Lusiades de Camões. Traduction por... Paris, 1850.»

Bento de Alarcão, traduziu os Sermões de Diogo de Paiva d'Andrade.

208 — Na pag. 471: «Barault. Sulpice Gaubier — La mort d'Inez de Castro, pour servir d'essai a une traduction Française en vers et complète de ce fameux poème portugais. Ouvrage dedié et presenté ao roi le 6 de juin 1735, jour de la naissance de Sa Magesté par... Lisbonne, 1752.»

Titulo muito adulterado.

209 — Na pag. 491: «Lettres d'amour d'une religieuse portugaise, écrites au Chevalier de C... 1696... São mui numerosas as edições das *Cartas da Religiosa Portugueza* feitas no estrangeiro. Paris, 1669, 1673, 1806, 1824, 1807, 1876. Amsterdam, 1669, 1699. Cologne, 1681, 1690, 1693, 1742. Haya, 1682, 1688, 1690, 1742. Lyon, 1686. London, 1678. Creio que ha muitissimas outras edições. Hoje está provado até á evidencia ser esta obra originalmente portugueza. V. Boissonnade.»

Mentira innocente. A opinião de Herculano é contraria.

210 — Na pag. 493: «Exemplar epistolae quæ Antonii I. Portugaliæ et Algarbiorum regis nomine ad Sanctissimum Patrem Gregorium XIII dicitur esse missa, lusitano sermone conscripta, opera tamen et industria Octavii

Sylvii equitis latinitate donata et in lucem edita, ac Jacobo de Mendonça hispano equiti dicata.»

Lá mesmo diz quem é o traductor e vem o anno da impressão. Possuia um exemplar o conde de Azevedo, que lh'o dei eu.

211 — Na pag. 514 escreveu:

Mafeo (João Pedro) traduziu Manuel da Costa, da Companhia de Jesus.

212 — Na pag. 520: «P. M. — Delivrance et le restablissement du royaume de Portugal. Traduit du latin de l'Illustrissime Archevesque de Lisbonne. Rouen. Imprimerie de Laurant Maurry, 1643.»

D. Rodrigo da Cunha.

213 — Na pag. 524: «Sacy. Isaac le maître de— Vie de D. Berthelemy des Martyres, traduit de l'espagnol et du portugais, et abregée par Ant. Caittot. Paris, 1825, Ibid. 1834.»

Caillot, 1826.

214 — Na pag. 534: «Wittich. Dr. Alex — Ignez de Castro. Frauerspiel von Jo: Bapt. Gomes übersetzt von. Leipzig, — 1841.»

Dei a Anthero do Quental.

215 — Na pag. 537: «Acostae. Em — Lusitani historia rerum a Societate Jesu in Oriente Gestarum, ad annum usq: a Deipara Virgine 1568, recognita, et lanitate donata. Accessere de Japonicis rebus epistolarum libri IIII, item recogniti et in latinum ex hispanico sermone conversi. Parisis, 1572.»

O traductor d'este livro de Manuel da Costa foi João Pedro Mafeo.

216 — Na mesma pagina: «Almada. Francisco de — Gesta proxime per Portugalenses in India, Aethiopia, et aliis orientalibus terris ab Emanuel Portugaliæ rege ad Episcopum Portuensem cardinalem Portugaliæ missa. Norembergae, 1507.»

Aqui ha confusão de titulo ou de data. Este Bispo do Porto, era o Cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa e Francisco d'Almada o traductor. Bispo Portuense ou Ostiense.

217 — Na pag. 539: «Bernardes. P. Manuel — Exercices spirituelles ou méditations sur les fins dernières par le R. P. Traduit du portugais par un prête du Diocèse d'Amiens. Paris, 1863.»

Cabral (François) Noveau advis de l'Amplification du Christianisme y

Pays et Royaulmes du Jappon. 8.º Part. 1579.

218 — Na pag. 549: «Menezes. Jean Rodrigues de Saa y — Rebelion de Zeylan y progressos de su conquista en el governo de D. Constantino de Saa y Noronha. 1648.»

Aqui ha tres inconveniencias: 1.ª o titulo errado; 2.ª o anno da impressão em 1648, devendo ser em 1681; 3.ª ser auctor portuguez que escreveu em espanhol, e não dever entrar no rol dos traduzidos. O auctor morreu em 1682.

219 — Na pag. 556: «Semedo. P. Alvaro, portughese — Della Compagnia de Giesu... III Imperio de la China y cultura evangelica en el. Obra de... Madrid, 1642.»

E' a primeira edição da versão que fez Faria, sobre o manuscripto portuguez de Alvaro.

220 — Na pag. 557: «Teixeira — Voyage de... ou histoire des rois de Perse. Traduit de l'espagnol en français. Paris, 1681.»

E' o mesmo auctor. Foi hebreu converso. Vej. Amador de los Rios.

221 — Na pag. 564: «Fuora Villaco. C'est à dire la Liberté de Portugal. Auquel se montre le droit chemin etc., vrais moyens de resister a l'effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abbaisser son orgueil, et ruiner sa puissance. Dedié aux Roys, Princes, Potentats et Republiques de l'Europe, particulierment au Roy Tres chrestien. Traduit de la langue Castillane en langue Française. Imp. nouvellement, 1641, 206 pag. Eis o titulo exacto do exemplar existente na B. P. de Lisboa. O sr. Silva Tullio assevera que tambem foi vertida em hollandez e em inglez, e que, o auctor d'esta obra é o padre Fr. José Teixeira, o qual *n'esta versão franceza apparece debaixo do pseudonymo* — Le Pelerin Espaignol, persecuté du temps et de la fortune.»

Tullio informou-o inexactamente. Sempre se assignou assim.

222 — Na pag. 567: «Gramatica Anglo Lusitanica Portuguez e Inglez. Lisboa, 1705.»

E' a primeira d'esta especie que se imprimiu em Portugal, e de que Innocencio não teve noticia. E' do mesmo auctor do Diccionario que o sr. Branco inscreve no n.º com as iniciaes J. M. Estou persuadido que o auctor

anonymo das duas obras é o padre R. B. Publicou o Diccionario em França, para onde se retirou em 15..., e imprimiu a Grammatica em Lisboa, na officina do Galhardo em 1805, tendo regressado a Portugal em 1804. N'aquelle anno estava Bluteau em Alcobaça, para onde foi desterrado, e d'onde só voltou em...

223 — Na pag. 568: «Robèrt. C. — Le Marquis de Pombal. Paris, 1860.

Já vem n'outra parte.

224 — Na pag. 609: «Paris — Foi sepultado o corpo de D. Antonio, prior do Crato, na Egreja dos Religiosos de S. Francisco de Paris na capella de Gondi, onde conserva ainda sobre a sua sepultura as insignias reaes. Na Egreja do Mosteiro da Ave Maria da Religiosa de Santa Clara se guarda em deposito o seu coração.»

Esta egreja já não existe.

225 — Na pag. 622: «Anedoctas de Bocalio no convento. pag. 39.»

O Dr. Bacalhau.

XX

Comedia Burgueza | III | O | Sallustio Nogueira | Estudo de politica contemporanea | por | Teixeira de Queiroz | ..... | Livraria editora | de | Mattos Moreira & Cardosos | ..... | 1883.

226 — No verso do ante-rosto, sob a rubrica: «Typographia de Adolpho, Modesto & C. | Calçada do Tijolo, 39 (á R. Formosa)», Camilo escreveu:

> Um romance necessita pelo menos ter 1000 compadores; mas em Portugal apenas ha cem leitores que saibam sorrir espiritualm^te^ dos lances q̃ T. de Queiroz lhes offerecè n'este livro, sem gastar uma palavra das q̃ fazem rir.
>
> C. Castello Branco.

XXI

Memoria | sobre | a prioridade dos descobrimentos portuguezes | na Costa d'Africa Occidental, | para servir de illustração | á Chronica da conquista da Guiné por Azurara, | pelo | Visconde de Santarem | Da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de um grande numero | de Academias e Sociedades sabias estrangeiras | Pariz | Na livraria portugueza de J. P. Aillaud | 1841.

227 — No verso do ante-rosto:

C. 2$200 rs.

Só se tiraram 500 ex. Este livro é hoje m^to^ raro.

C. C. Br^co^.

Este livro nunca esteve á venda.

228 — Nas pags. 29-30. — «O governo francez

reconhecia tanto os nossos direitos, que em 28 de junho de 1532, o grande almirante de França deu «ordem de prohibição de hirem navios francezes á Guine, conforme á reclamação feita pelo embaixador portuguez.»

Vendido a D. João 3.º por 10$ cruzados, negocio concluido em Pariz p.r D. Ant.o de Athayde q.do ahi foi por causa da Carta de Marca de João Ango.

XXII

Penumbras | *de Sampaio e Castro* | *Porto* | *1876.*

229 — Na pag. 144: Á margem do verso seguinte:

Não mais o Tribunal sangue-sedento
Que era dos papas a suprema gloria!

Estas tolices, cantadas pela poesia desde q̃ as musas se metteram a historiadoras, fizeram que os versos cahissem no desprezo em q̃ hoje rastejam. Emq.^{to} o poeta se conservou na orbita das coisas poeticas, embora tolegasse, teve sempre q.^{m} o applaudisse; mas, cançadas as musas, e applicado o estro aos factos historicos, as

inepcias não têm quem as desculpe; nem se quer ignorantes as estimam, porq̃ esses não lêem versos. Cumpre saber que os papas contrariavam a inquisição; e Paulo 3.º foi compelido a receber a Bula em conseq.ª de torpes conluios q̃ A. Herculano deslinda largam.te na Hist.ª do Estabelecim.to da Inq. em Portugal.

XXIII

Sanctissimæ Reginæ Elesabethæ. | *Conimbricæ* | *1826.*

230 — Na guarda escreveu:

N'este certamen poetico distribuiram-se aos melhores poetas premios no valor de 92$ rs. Esta q.ta corresponderia a 540$ rs. hoje em dia, se assentarmos na justeza aproximativa do calculo de A. Herculano, respeito á epoca. Não sei ao certo com que dados elle estabeleceu esta relação.

Outro pormenor das festas celebradas n'este livro se podem lêr na «Vida de D. Izabel», por Fernando Cor.a de Lacerda, bispo do Porto. Os poetas não acceitaram os premios.

XXIV

Armas | *e* | *Lettras* | *por* | *Soares Romeo Junior* | *cavalleiro da ordem militar de Christo* | *e socio correspondente do Retiro Litterario Portuguez* | *do Rio de Janeiro* [V. C. interlaçados] *Lisboa* | *Viuva Campos Junior — Editora* | *1880.*

231 — No ante-rosto:

E' um livro de impressões serias,
de saudades fundas, de desejos bons.
C. C. B^co^.

XXV

A Tabula de Bronze | de | Aljustrel | lida, deduzida e commentada em 1876. | Memoria | Apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa | por | S. P. M. Estacio da Veiga | Socio correspondente da mesma Academia. | Lisboa. | Typographia da Academia | 1880.

232 — No frontispício adeante de «Socio correspondente da mesma Academia», Camillo escreveu:

> Membre demissionaire de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne.
>
> Commendador da Imperial Ordem da Rosa e de Carlos III de Hespanha.
>
> Creio que foi esta a ultima publicação de Soromenho.
>
> Deploravel heliogravura.

233 — No fim da obra:

Havia fidalgos tão viciados em altenaria — e o Senhor de Entre-Homem e Cavado era um d'esses — que no coração do inverno, quando as neves crystallisavam as montanhas, passavam os dias em casa, fazendo montaria ás aranhas com o engodo das moscas, espetadas pela barriga em palhas!

— Mas como arranjavam elles em janeiro as moscas?

A immundicie dos solares seria como um jardim de acclimação perpetua de sevandijas? Ou a mosca portugueza no seculo XVI era um insecto inverniço, mantido providencialmente para desbaste dos aranhões de bojo negro e peçonhento.

Apologetico | de | S. Gregorio Nazianzeno | por antonomasia | O Theologo | vertido em lingoagem | e offerecido | ao Eminentissimo e Reverendissimo | Senhor | Cardeal da Cunha, | Ministro de Estado | da Rainha Fidelissima nossa Senhora, | Arcebispo metropolitano de Evora, | Inquisidor Geral da Fé | nestes reinos e seos dominios, | regedor das Justiças, | commissario da bulla da Santa Cruzada, | etc., etc., etc. | por | Valentim de Bulhoens. | Sacerdote da congregação do Oratorio | e Qualificador do Santo Officio. [Vinheta com armas do Reino.] *Lisboa | Na Regia Officina Typografica | Anno* MDCCLXXXII | *com licença da Real Meza Censoria.*

234 — No frontispicio:

«Livro escripto nos carceres da Inquisição.»

XXVII

The Philosophy of mystery | by | Walter Cosper Dendy. London, 1840.

235 —

Era tão economico que a respeito de palitos embaraçava-se n'este dilema: se não compro palitos deixo de comer as particulas de alimento (comida) que me ficou entre os dentes (porque estava no costume de engulir os residius); mas, se como as particulas, tenho de comprar os palitos. E escapava-se dos pontos do dilema, palitando-se com palhas. E tinha bons dentes porque os lavava com agua, que, na sua opinião, era o unico elemento que ainda não attingira um valor escandaloso.

Comentários aos Capitulos

Comentários aos Capítulos

I — No *Catalogo da preciosa livraria do eminente escriptor Camillo Castello Branco* leiloada em 1883 teem os *Opusculos* o n.º 1.041. Devido á gentileza do meu amigo e ferveroso camilianista Afonso d'Azevedo Nunes Branco poude extraír as curiosas notas do Mestre.

II — Entre cartas de Camilo existentes no importante arquivo dos editores Mattos Moreira & Cardosos deve existir esta nota, talves fragmento do Catalogo de 1883.

N'esse Catalogo a pag. 75 cita-se o manuscrito sob o n.º 1.906, e publica-se a nota substituindo por reticencias as palavras «por 250$000».

Decorridos anos o alfarrabista João d'Araujo Moraes anunciou-o, republicando a nota com variante no «*Catalogo trimestral*», n.º 2, outubro de 1900:

«Este traslado foi feito até pag. 96, pelo bibliothecario da bibliotheca publica de Braga, Rodrigues d'Abreu, com destino a D. Pedro 5.º, e pouco depois morreu o bibliothecario, em cujo espolio comprei o manuscripto, que mandei continuar pelo codice da bibliotheca do Porto, que é menos imperfeito. Vendi-o para ser impresso com comentarios meus, por 250$000.

«O auctor d'este manuscripto não é fr. Alexandre da Paixão, um frade bento que nunca sahiu de seus mostr.os. O author de certo viveu no amago da escandalosa côrte de Affonso VI e Pedro II.»

Camillo Castello Branco.»

III — Figura no Catalogo sob o n.º 366, e pertence ao meu amigo Nunes Branco. Algumas notas, — n.os 12, 19, 24, 29, 30, 31, 34, 39, 52, — foram aproveitadas pelo sr. conselheiro Antonio Cabral, que as inseriu nas pag. 174, 175, 176, do seu livro *Camillo de perfil,* publicado em 1915.

Sob o titulo «O Macaco e o Elefante» encontra-se no livro: *Narcoticos II Notas bibliographicas, historicas criticas e humoristicas. Livraria de Clavel & C. editores,* MDCCCLXXXII, um capitulo cujo começo é constituido pelas notas 64, 65 e 63, com variantes:

«Imagina o candido leitor que lhe vou dar um *Apologo* á Kriloff, á Lokman ou á La-

fontaine em que comparecem os dous bichos a fazerem syntaxe e rhetorica em linguagem portugueza. Não tenho medo. Sou um pouco do meu tempo e sei com quem lido. Os apologos tinham graça quando prevalecia a hypothese de que os irracionaes não articulavam discursos; mas, hoje em dia, em que os parlamentos, os meetings e outras associações, saturadas de Cicero e de vinho de Amarante, vieram confirmar que a nenhum animal é defesa o dom da palavra, o apologo não tem chiste nem moralidade, porque desappareceu a linha divisoria que separava com a baia da glottica a besta convencionalmente chamada *animal* da outra besta biologicamente chamada *homem*. Logo que Darwin desfez o contraste que a velha sciencia natural estabeleceu, escusado é dramatisar os bichos.

O veo da allegoria rompeu-se. Agora, se quero pôr duas alimarias a conversar, eu que necessariamente pertenço ao partido regenerador, ou ao progressista ou ao constituinte, vou ao jardim zoologico de S. Bento, e encontro, conforme o meu raio visual politico, na esquerda, no centro ou na direita, ricos exemplares, muito domesticados, cheios de gestos e gallicismos.

«Mas não se trata de apologos.

«Proponho-me apresentar ao leitor dous nossos primos que floreceram na corte de el-rei D. Manoel: um macaco e um elefante. Não me atrevo a suppor que talvez v. ex.ª não tivesse outros parentes na corte do grande rei; mas pelo que me respeita a mim posso gabar-me de que estes meus primos, posto que palacianos, comeram menos cevada ao Estado que os moços fidalgos que recebiam de meio alqueire para cima diariamente, como consta das moradias e filhamentos da Casa Real.»

Tambem o possuidor do valioso exemplar, publicou na revista *Prosa e Verso,* n.º 4, de Novembro de 1913, a nota n.º 65. As restantes suponho-as até agora inéditas.

IV — No Catalogo de Camillo tem o n.º 793, e a observação de «Raro». Diogo José Seromenho, distincto bibliofilo e estrenuo camilianista, deu publicidade á nota em *A Critica,* n.º 7, 15 de Fevereiro de 1898, pag. 54. Em 1909 reapareceu citado no catalogo da biblioteca de Diogo José Seromenho, notificando o catalogador: «Contém uma nota de Camillo que diz que o auctor é Antonio Augusto Corrêa de Lacerda, que morreu em Moçambique onde era governador em 1868; escreveu com melhor juizo e estylo *A rainha e a Aventureira.* E' raro este livro. — C. Castello Branco.

Actualmente é possuidor d'este livro o sr. Luiz Ferreira Lima, meu amigo e comissionado na erecção do monumento a Camilo.

V — No Catalogo citado tem o n.º 217. Luiz Ferreira Lima é o seu detentor e foi o copista das respectivas notas hoje dadas á luz da publicidade pela vez primeira.

VI — Não encontrei no citado Catalogo. Pertenceu ao solicitador Miranda e Sousa. Este bibliofilo e mercador de livros o anunciou no *Archivo Bibliographico* n.º 4. — Abril de 1895, pag. 61, n.º 209.

VII — No Catalogo aparece esta obra sob o n.º 664. Ignoro se foi d'este exemplar que o sr. conselheiro Antonio Cabral copiou a nota que publica a pag. 172 do *Camillo de perfil*. A minha dúvida é sequente duma logica dedução. Como se depreende do segundo paragrafo da pag. 162 daquele livro o seu autor foi a Seide depois da morte do mestre, em 1890. O livro foi vendido em 1883, como o encontrou lá!? Teria sido ofertado aos netos para reconstituirem a livraria de Camilo? Seria o exemplar leiloado duplicado dessa livraria?

Com devida venia transcrevo a nota.

VIII — Tem no Catalogo o n.º 661. Tenho iden-

tica dúvida, pois transcrevo a nota de pag. 173 da obra citada.

Acerca do cacófaton merecedor da critica de Camilo o meu amigo e distinto investigador sr. José Joaquim Gomes de Brito possue um exemplar do *Medico á força,* com a seguinte nota-advertencia da sua autoria, a qual por curiosa aqui deixo:

«Hoje 7 de maio de 1906 me contou o meu querido amigo, o ilustre actor Taborda, que ao acabar o ensaio geral desta peça lhe fez o dr. Paulo Midosi notar a cacófonia que assinalo na quadra que o inimitavel Artista cantava ao cair do pano.

«Deu-se conta do caso ao grande Poeta [Castilho] trasladador desta obra, duas vezes immortal. Remediou ele logo ali o desconcerto, substituindo por outro o verso mal soante, mas declarou não poder levar a emenda até á impressão por se achar esta já dada a público, do que é prova este exemplar.

Fica, pois, certificado nesta lembrança que o grande comico trauteava sempre:

.....
.....
Visto escapar do oratorio
.....

Se um dia se fizer nova edição, é pois esta a emenda a introduzir. — Gomes de Brito.»

IX — Está citada no Catalogo com o n.º 667. Reproduzo-a do *Camillo de perfil,* pag. 171.

X — Copio a respectiva nota do mesmo citado livro onde se encontra na pagina 170.

XI — No Catalogo tem o n.º 674. Miranda e Sousa possuiu este exemplar.

XII — No Catalogo tem o n.º 1.863 entre os manuscritos. A propósito da nota 83 encontro curiosa referençia n'uma carta de Camilo a Palmeirim.

«Conheço não de todo imperfeitamente as firmas F... & F... peoradas depois com outra por egual malandra e um pouco mais scientifica S... V... F... pedira-me que lhe escrevesse qualquer cousa. S... V... & F... compraram-me «Os Ratos da Inquisição» do judeu Serrão de Castro, com um prefacio meu de cento e tantas paginas. Enviei-lhe o ms.; e, depois de o lá ter, exigiam o «Codice» para poderem demonstrar agenuidade do autographo. Eu podia mandar-lhe o «Codice» a que não dava importancia alguma; mas preferi recolher o manuscripto que depois vendi ao C... fazendo-lhe presente do autographo.»

XIII — Figura no Catalogo sob o n.º 1.872.

XIV — Citado no mesmo sob o n.º 1.886.

XV — Tem o n.º 450 no Catalogo. Pertenceu a Diogo José Seromenho, que publicou a nota no n.º 7, 15 de Fevereiro de 1898, d'*A Critica*.

XVI — Existiu na livraria de Miranda e Sousa. Anunciando-o publicou a nota a pag. 104, do n.º 7 do *Archivo Bibliographico*.

XVII — Copio a nota do *Camillo de perfil*, pag. 168.

XVIII-XIX — No Catalogo, sob o n.º 495, regista-se o *Portugal e os Estrangeiros* sem haver referencias ás notas.

No *Catalogo dos livros que pertenceram ao bibliophilo Luiz Antonio e que se vendem em leilão na segunda quinzena de Maio de 1891*, cita-se o exemplar, a pag. 7, mas o catalogador notificou: «E' o exemplar que pertenceu a Camilo Castelo Branco e tem notas da sua letra.» N'esse leilão o arrematou Diogo José Seromenho, coligidor de centenas de peças camilianas. Em 1895 escreveu elle no *Archivo Bibliographico*:

«Muito se tem escripto sobre a obra immortal do Mestre, mas quanto mais se escreve, mais fica por dizer. A obra de Camillo é tão grandiosa que levará muitos annos a escrever; e só no fim d'elles se lhe fará completa justiça.

«Tencionava publicar em volume, a grande quantidade de notas inéditas escriptas pelo punho de Camillo, em diversos livros que possuo na minha bibliotheca Camilliana; mas seria ingratidão da minha parte não annuir aos reiterados pedidos dos meus amigos proprietarios d'este jornal, para que fazendo parte da sua redacção, principie a publicar as notas que possuo.

«E' o que vou fazer.

«Em 1891, no leilão da livraria do bem conhecido bibliophilo Luiz Antonio, leilão dirigido a pedido dos herdeiros, pelo distincto escriptor Brito Aranha, comprei por quatro mil réis o exemplar que pertenceu a Camillo Castello Branco, do *Portugal e os Estrangeiros,* de Manuel Bernardes Branco, editado em 1879, pelo meu querido amigo e muito honrado editor A. M. Pereira.

«Esse exemplar tem logo no frontespicio a assignatura do proprio punho de Camillo, e a declaração de que o exemplar lhe custou 6$000 réis. Eu fui mais feliz pois a comprei por 4$000 réis, e enriquecido com innumeras notas do mesmo escriptor as quaes irei extractando pouco a pouco.» (1)

Cumpriu a promessa e as notas vieram publicadas no *Archivo Bibliographico*, inserindo no:

N.º 1 — Janeiro de 1895, pag. 9 e 10, as notas n.os 91 a 96.

---

(1) Cf. Ob. cit. n.º 1 Janeiro 1895, pag. 9.

N.º 2—Fevereiro, pag. 25, n.os 97 a 105.

N.º 3—Março, pag. 41 e 42, n.os 106 a 114.

N.º 5—Maio, pag. 67 e 68, n.º 115 a 131.

N.º 9—Setembro, pag. 129 e 130, n.os 132 a 144.

N.º 10—Outubro, pag. 145 e 146, n.os 145 a 158.

N.º 12—Dezembro, pag. 177 e 178, n.os 159 a 170.

N.º 13—Janeiro de 1896, pag. 5 e 6, n.os 171 a 183.

N.º 14—Fevereiro, p. 18, n.os 184 a 186.

N'esta altura suspende o *Archivo* a publicação. A redacção funde-se com *A Critica* e ahi continuam aparecendo as notas Camilianas:

N.º 1 da 2.ª serie—15 de Agosto de 1896, insere as notas 187 a 192.

N.º 2—1 de Setembro, n.os 193 a 195.

N.º 4—18 de Outubro, n.os 196 a 199.

N.º 5—1 de Novembro, n.º 200.

N.º 7—4 de Dezembro, n.os 201 a 204.

N.º 8—21 de Dezembro, n.os 205 a 208.

N.º 9—17 de Janeiro de 1897, n.os 209 a 215.

N.º 13—25 de Março, n.os 216 a 219.

N.º 17—2 de Junho, n.os 220 a 223.

Quando iniciou a publicação, no Archivo, escreveu Seromenho:

«Respondo pela exactidão das notas, com o exemplar existente na minha Camilliana, o qual fica desde já á disposição dos Camillianistas.»

Ante essas palavras dùvida alguma tive em transcrever das citadas publicações as notas do Mestre.

Quando já ia adiantada a composição deste livro soube que actualmente possue o exemplar o conhecido escritor e bibliofilo Albino Forjaz de Sampaio, que conhecedor das minhas intenções amavelmente cotejou as provas pelo original notando as seguintes variantes o ómisões:

Nota 92 — Pag. VIII:

Elogiava o Conde da Ericeira, e ridicula risava-o em cartas aos seus am^os^. Veja a edição de 1819.

93 — Pag. 21:

Este m.^mo^ A. J. publicou uma grammatica Anglo-Lusitanica em 1705 na officina de Miguel Manescal, 8.º M. B. Branco não dá noticia desta grammatica.

Creio q̃ o auctor é Raphael Bluteau q̃ em 1705 estava em Alcobaça desterrado da corte como suspeito.

Omissão na pag. 33: — «O Chiado é o centro da murmuração, passatempo dos ociosos, martyrio cruel de todas as reputações, templo consagrado a desejos levianos, escola de mentira e de vicio, livro aberto a todos os epigrammas mais repulsivos,

e refugio hospitaleiro de intrigantes e caloteiros. No Chiado os que geralmente pullulam, mentem e diffamam, são os rapazes mal educados e aristocraticos: os velhos lascivos e repugnantes, que apenas se occupam em deshonrar mulheres, e discutir accloradamente sobre o jogo e modas. Seus constantes frequentadores são os janotas, enxerto de reptil e de homem, nascidos para o vicio, e educados na maledicencia, para quem a vida é um festim, e cujo unico pensamento é o prazer.

Vivem formando uma sociedade de seguros sobre a deshonra, não sabem occupar-se de outra cousa senão de cavalos, jogo, mulheres; não sabem ler, nem escrever, mas em compensação cantam o fado com acompanhamento de viola. Não possuem outra instrucção mais que a adquirida em alguns lupanares immundos, onde aprendem mal o hespanhol, mas perfeitamente as torpes artes da crapula e do cynismo, e, se não respeitam, nem comprehendem nada, que seja serio, como indemnisação contendem com quantos se applicam ao estudo, e se esforçam por serem uteis á patria. Esta é sem exaggeração a raça empestada, que frequenta o Chiado, sem contar as nullidades invejosas em politica, e ridiculas em litteratura, que com ella se agrupam, e com ella formam côro desaccorde, e nada agradavel.»

Grande exactidão.

95 — Pag. 36:

D. João de Castro. Trata do Calabrez se fingir D. Sebastião.

96 — Pag. 40:

Baçan (Dom Alvaro de) Marq. of Santa-Cruz. A Discourse of that happened in the batell fought batewine the two Navies of Spaine and Portugall at the Ilands of Azores. Ann. Dom. 1582, 12. London.

Relation of the expougnable attempt, and conquest of the ylande of Tercera and all the ylands thereto adjoyning; by don Albaro de Baçan. 12. Lond. 1583.

97 — Pag. 44:

V.ª Real garrotado em 1652, em Lisboa como hereje.

Omitida — Pag. 64: — Entre os nomes de Beaumès e Bavoux intercala Camilo:

Bavia (Luis de). Hist. Pontifical.

Omitida — Pag. 73: — «Beaves (The Late Windham) Civil, Commercial, political and litterary History of Spain and Portugal. Lon-

don. 1793. 2 vol. Vê-se esta obra citada no catalogo manuscripto da livraria do Conde de Lavradio.»

E no impresso.

98 — Pag. 73. Não virgulou o apelido Meira.

99 — Pag. 137. Não tem as palavras «queria dizer.»

101 — Pag. 148. Estão abreviadas as palavras: *que* em q; *por* em p.; e *Branco* em B.^{co}

102 — Pag. 152. Abreviadas: *Cantico* em Cant; *M. Milano* é n. Milano, *minha* em m.^{a}.

Omitida. Na pag. 159: «*D.* | *Dumonstier* | *Pinxit q.*^{e} *Septembre* | *1632.*»

não pode ser.

104 — Pag. 160:

O proprio D. S.^{am} escreve q. D. Ant.^{o} lhe pedira em Tanger o condestablado q. elle lhe não deu. V. Memorias p.^{r} Diogo B. Machado.

105 — Pag. 160: «2 horas» e não «duas horas» como copiou Soromenho.

106 — Pag. 161: Abreviou: *mesma* em m.^{ma}; *que* em q.

108 — Pag. 163:

Tudo mentira. D. Ant.^{o} fez a experiencia e foi repellido.

109 — Na mesma pag:

O medico Ruy Lopes, judeu, Manuel Luiz Tinoco e Esteves da Gama. — Fr.^{co} Caldeira de Brito esteve tambem preso 3 annos, e D. M.^{el} filho do Prior foi suspeito de quer passar-se p.^{a} Castella, induzido p.^{r} Tinoco e por Esteves Gama.

Vej. Lingard e Lord Bacon, e a p.^{te} que teve Antonio Peres nestas descobertas de traição contra D. Ant.^{o} e Izabel, promovidas por Diogo de Mendonça, por Eredia e o marquez de...

Omitida. Na pag. 215: «Bullialdi (Ism).»

Bullialdus (Ismael).

Omitida. Na pag. 233: «Castro. Nicolau Fernandes. — Portugal convencido con la razon para ser vencido con las catolicas potentissimas armas de D. Philippe IV. Milan, 1648.»

M.^{to} alterado o titulo.

115 — Pag. 265: Abreviado o *que* em q.

117 — Pag. 266: Abreviada a palavra final em m.^{mo}.

121 — Pag. 276: A variante é de palavras:
Que tolices! D. M.^{a} cazou com seu tio Pedro.

122 — Na mesma pag: — E' «Visc. de V.^{a} Nova da Cerv.^{a}.»

124 — Pag. 289: «Prefacio a respeito de D. N. de Leão.»

125 — Mesma pag: «Decharles. L'art. de naviger.»

127 — Pag. 300: E' «a Ribeira» e não «A Ribeira.»

128 — Pag. 303: «D. Ant.^{o} Ver Quadro elem. do Visc. de Santarem.»

129 — Na mesma pag: «50 moedas!»

132 — Pag. 311: «Ainda vive em 1883.»

133 — Pag. 316: «Rara e m.^{to} cara em 1883.»

135 — Pag. 328: «O autor é o frade Dom.os Teixeira. Veja-se o diccion. de Bayle, art. Texera.» O nome do escritor Duabymont está emendado para Dralymont.

136 — 332: Abreviadas as palavras *que* em q; e *Veja-se* em Vj.

137 — Pag. 341: Abreviadas as palavras *que* em q; *quem* em q.m e *herdeira* em herd.a.

141 — Pag. 358: «Falta: Grammatica Anglo-Lusitanica. Lisboa, 1705, em 8.o.
Está em um dos aditam.»

147 — Pag. 387: Camilo antes da nota transcrita escreveu uma palavra ilegível e depois: «E' a m.ma obra inscripta no 1234 do 2o tom.»

154 — Pag. 426: «Traduzida em 4 tom. em 12, pelo Capitão Manuel de Sz.a.

Omitida. «Na pag. 440 entre os nomes Leveque e Liancourt fez uma chamada para o nome de Levingston.

Omitida. Na pag. 475: «Malagrida. (Gabriel)... — Juiso da verdadeira causa do terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no 1o de no-

vembro de 1755. Lisboa. por Manuel Soares. 1756, 4º, 31 pags.»

Tenho 3 ex.

Omitida. Na pag. 498 entre Montaigu e Montanus escreveu:

Montaigne.

Omitida. Informa o sr. Forjaz de Sampaio: Na pag. 524: «New (The) Quartely Review. Apparece nesta publicação uma viagem com o seguinte titulo: Notes of Travel in Portugal.» emendado a Review para Magazine.

Emendar para Travels na 2ª ed.

E' o mesmo John Latouche de pg.

160 — Pag. 19 do 2.º vol: Está abreviada — «Q.do passou p.a o serviço de Castella.»

163 — Pag. 31: Tem o seguinte variante:

«Este livrinho é uma reproducção das Antiq. de A. de R. e uma versão litt. de &. O collector apenas escreveu algumas linhas de introducção com referencia á separação de Portugal feita no anno anterior, e sem entrar na questão de direito, nota a carnificina que os proceres fizeram em Mig. de V.os. Traducção de Re-

zend, de Duarte N. de Leão, de N. de Oliv, de V.^{los}, de Pedro de Mariz, de Damião de Goes.»

164 — Mesma pag: Cumpre emendar o titulo, anno da impressão do livro, e a interpretação portugueza. PORTVGALIA, SIVE DE REGIS, etc. Lugd. Batavi. Ex officina Elzeviriana CIↃ LↃC XLVI (1641).

Portugal ou commentario das possessoens e dominios do Rei de Portugal.

166 — Pag. 107: A palavra *Telles* está sublinhada. Medalhões esta escrito «medalhoens» e o *que* está abreviado como Camilo costumava — q.

167 — Pag. 122: Abreviou o nome *Antonio* em Ant.º.

Omitida — Pag. 146: «Rivera. Luis... Ignoro se chegou a publicar um periodico intitulado *Revista del Medio Dia,* escripto em portuguez e hespanhol.»

Escreveu.

170 — Pag. 155: A nota tem as variantes ortograficas seguintes: «Distingue o 2 pintores

Vasco e Velasco, que são o m.^{mo} individuo. Vasco Fernandes q^{do} rubricava os seus quadros com o seu nome em portuguez punha Vasco; se porem se assignava em latim, punha Velascus. Robinson confundiu o *us* latino final de Velascus com *o*.

171 — Pag. 155:

Asneira
Ovia
Optimo viro incomparabili amico.

173 — Pag. 179: Lanhoso está escrito com *z* e não com *s*. «6 leguas ou mais» e não «seis leguas ou mais» como leu Soromenho.

174 — Pag. 180: O *por* está abreviado em p.^{r}.

175 — Pag. 191: «O mondego nesse tempo corria m.^{to} fundo.....» e segue como está na pag. 97.

176 — Pag. 197: Abreviadas *Branco* em Bra.^{o} e *muitas* em m.^{tas}.

177 — Pag. 203: O mesmo com as palavras p.^{a} q.

178 — Pag. 208: Ant.^{o} Vicente de Carv.^{o} (dezembargador.)

180 — Pag. 205: Incitava-o enthusiastam.^{te} a fazer a guerra á moirisma.

Bom conselh.^{ro}.

181 — Pag. 228: R. Soulhey prefaciou o Amadis de Gaula de V. de Lobeira, e attribue a D. Ant.^{o} Prior do Crato, um soneto de Ant.^{o} Ferr.^{a}.

182 — Pag. 243: «Com a morte de R.dos S.^{tos} e a total perdição dos generos embarcados, falliu a casa de Hamburgo, arrastando n'essa perda a fortuna do socio J.^{o} Gomes Mont.^{o} bem conhecido litterato, e de seus irmãos resid.^{es} no Porto. Gomes Mont.^{ro} viveu alguns annos com poucos meios, e foi recebedor no Porto. Depois melhorou com heranças q. lhe advieram pela m.^{er}.

«Afinal fez-se livreiro, desfez-se do negocio, e morreu deixando uma filha, Julia Mont.^{ro}, que se parece moralm.^{te} com a mãe.

183 — Pag. 252: Os *que* abreviados em q.

184 — Pag. 254: «Este homem escreveu a genealogia de D. M.^{el} Eugenio, conde

de Trancozo, bisneto do Prior do Crato. Entre varias asneiras diz que um f.º de D. Ant.º Prior do Crato, illegitimo, era filho de D. Guiomar Cout.º q. foi casada com um irmão de D. João 3.º. Ora esta senr.ª morreu antes de nascer o P. do Crato.

187 — Pag. 292: Seromenho alterou um pouco a nota. «Foi roubada em 1580 depois da batalha de Alcantara. Foi ao poder dos Filippes que a mandaram vender em Florença.»

Na margem superior da pagina está efétuada a multiplicação «400 × 900.000 = 360.000.000.»

188 — Pag. 295: «Foi traduzida depois p.ª portuguez!»

189 — Pag. 296: Abreviado o *para* como costumava.

190 — Pag. 312: «Vem aqui descabida esta sen.ª q. nada escreveu a resp.to de Portugal.

193 — Pag. 350: «Ha só duas; a 2.ª é de 1610.»

194 — Pag. 352: «P.e Teix.ra. — Ver Bayle na palavra Teixeira.»

195 — Pag. 360: Abreviou a palavra *respeito* para resp.^{to}.

Omitida — Pag. 367: — «Honorati (Padre Antonio). Da Companhia de Jesus. — O Chrysostomo Portuguez ou o padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus n'um Ensaio de Eloquencia compilado de seus Sermões, segundo os principios de Oratoria Sagrada. Lisboa... *Este trabalho é original.*

!

198 — Pag. 390: Tem as seguintes variantes ortograficas: *Elle mesmo* abreviado em «Elle m.^{mo}; *Disse que* em «Disse q.»; *principiou* é «principiava»; *por outras* em «p.^{r} outras»; *o que é* em «o q. é»; *importante* em «import.^{e}» *t. III* em «t. 3.º»; *padre Pereira* em «p.^{e} Per.^{a}».

199 — Pag. 401: «Eu tomo p.^{a} mim o conselho que o sr. B. dá com bast.^{e} energia ao snr. Amador de los Rios. «Quem não está, etc.».

201 — Pag. 403:

«Quem era?
Raro. 1700.
Creio q. não tem tantas pag.

Seromenho omitiu as duas linhas desta nota como omitiu tambem a nota seguinte na pag. 403: «Esta viagem pode dar alguns esclarecimentos ácerca do modo de viver de D. Pedro II e de sua mulher D. Maria Francisca Izabel.»

Esses esclareciment.os é que eu traduziria. A impressão banal que lhe causaram as cazas, e a falsa escravidão das mulheres cazadas importam menos que as alegrias da rainha... querida do marido que então estava preso.

209 — Pag. 491: E' «Herc.» e não «Herculano».

210 — Pag. 493: «Lá m.mo se diz quem é o traductor, e vem o anno da impressão. Possuia um exemplar o conde de Azev.o q. lh'o dei eu.»

211 — Pag. 514: Abreviada a palavra «Companhia» em C.a.

Omitida: Na pag. 520 — «Quillinan (Edward) Nasceu no Porto em 1791, passou para a Inglaterra *onde seguiu a vida militar* e ahi falleceu em 1851.»

Era negociante no Porto.

Omitida: Na pag. 527 na nota 2.ª «V. Croze» Camilo marginou: «La (Croze).»

215 — Pag. 537: Abreviou o nome «Manuel» em «M.el.»

216 — Mesma pag.: Fez o mesmo á palavra «Fran.co.»

219 — Pag. 556: «E' a 1.ª ediç. da versão q. fez Faria, sobre o mss. portuguez de Alvaro Semedo.»

220 — Pag. 557: «E' o m.mo autor. Foi hebreu converso. Veja Amador de los Rios.»

222 — Pag. 567: «É a primeira desta especie que se imprimiu em Port., e de q. Innocencio não teve noticia. E' do mesmo auctor do Diccionario que o snr. Branco inscreve no n.º com as iniciaes I. M. Estou persuadido que o author anonymo das duas obras é o p.e R. B. Publicou o Dicc. em França, para onde se retirou em 16..., e imprimiu a Gram. em Lisboa, na officina do Galh em 1805, tendo regressado a Port. em 1804. Naquelle anno estava Bluteau em Alcobaça, p.ª

onde foi desterrado, e d'onde só voltou em...

Diz-me o sr. Forjaz de Sampaio: Na pag. 642. Entre Diogo Bernardes, 4 e Diogo de Menezes 39 Diogo de Paiva de Andrade.

Está pois, reconstituido o texto das notas Camilianas.

As variantes são mórmênte na ortografia. Camilo empregava as abreviaturas, que Soromenho entendeu desdobrar omitindo algumas notas, as quais o actual possuidor do original me permitiu que reproduzisse nêste trabalho.

Na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, 1.º anno-1879, n.º 5, pags. 75 a 84, encontra-se uma admiravel critica de Camilo á obra de Bernardes Branco, onde aparecem muito desenvolvidas, e com grandes variantes, notas que escreveu á margem do seu exemplar, e neste livro teem os n.os 93, 101. 146, 147, 150, 151, 152, 159, 164, 170, 181, 185, 189, 191, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 212, 216 e 221, citando as obras que devem ser excluidas desta obra e as que faltam.

Essa critica foi republicada em 1882 no segundo volume dos *Narcoticos,* de pags. 13 em diante.

Ainda concernente a este, capitulo e notas 172 a 176, direi que a versão das memorias da viagem

de Leão de Rosmital veem no livro *Cousas leves e pesadas* no capitulo «Portugal ha quatrocentos annos», primitivamente publicado sob a epigrafe «Um viajante em Portugal ha 393 annos» em *O Mundo Elegante*, 1859; e sob o titulo «Noticia d'um viajante ha tresentos e noventa e cinco annos» na *Revolução de Setembro*, em 1861; e no *Diario do Rio de Janeiro* (1).

Esse escrito sugeriu recentemente ao sr. Campos Monteiro o artigo intitulado: «Camilo e o embaixador Leão de Rosmital» publicado nas pags. 112 a 116 do 1.º vol. da revista *Gente Lusa*, da Praia da Granja.

XX. — No já citado e interessante livro *Camillo de perfil*, escreveu seu autor: «O ilustre romancista sr. Teixeira de Queiroz disse-me, não ha muito tempo, que guarda com amor e orgulho romances seus que haviam pertencido a Camillo e este commentára, umas vezes com palavras de tanto elogio e outras de critica tão original, que tornaram as suas paginas duplicadamente valiosas.» (Ob. cit.p. 162).

Quando em 1883 se realisou o leilão da biblioteca de Camilo foram vendidas obras daquele notavel romancista, e entre as quais o *Sallustio Nogueira*, citado no Catalogo sob o n.º 1517.

---

(1) Cf. *Bibliographia Camilliana por Henrique Marques... Lisboa. A. M. Pereira, editor, 1894. pag. 57.*

Esgotada a primeira edição, em 1909 aparecia outra «completamente refundida, e com uma nota de Camillo Castello Branco ácerca d'este romance.» Assim, ás VII pags. de explicação do autor segue-se uma nota referente ás erratas, e outra pagina em que os editores dizem:—«Em fac-simile adeante apresentado vae a opinião de Camillo Castello Branco ácerca do *Sallustio Nogueira*, em nota escripta de seu punho, no verso do ante-rosto do exemplar, que os editores enviaram ao grande escriptor. Este exemplar, adquirido n'um leilão por um amigo de Teixeira de Queiroz, foi-lhe amavelmente offerecido e é hoje propriedade sua. Deve accrescentar-se que o offerecimento está feito por letra do chorado Mattos Moreira nos seguintes singelos termos: «Ao Ex.mo Sr. Camillo Castello Branco, offerecem o auctor e os editores.»

Devo á amabilidade da Parceria Antonio Maria Pereira, casa editora desta obra, a permissão para reproduzir esta nota do Mestre.

XXI — No Catalogo coube-lhe o n.º 107. No citado *Archivo*, n.º 1, Janeiro de 1895, pag. 11, deu Miranda e Sousa publicidade á nota 227, desdobrando o m.to como Camilo escreveu e omitindo a nota 228.

Encontra-se o exemplar na biblioteca do sr. Albino Forjaz de Sampaio.

XXII — Tem o n.º 982 no Catalogo. Está na biblioteca do distinto Camilianista sr. Luiz Ferreira Lima.

XXIII — Não encontrei citado no Catalogo. Está na mesma biblioteca.

XXIV — Na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* — 2.º anno, 1880 N.º 4, pag. 66 — lê-se a critica do Mestre ao livro *Armas e Letras*, a qual começa com as mesmas palavras. Essa apreciação vem republicada no 2.º vol. dos *Narcoticos*. Citado no Catalogo sob o n.º 1.754. Pertenceu a Miranda e Sousa, que o anunciou no referido *Archivo* n.º 1, Janeiro de 1895, pag. 11.

XXV — No Catalogo tem o n.º 181, e foi arrematado no leilão, em 1883, por duzentos réis! Pertenceu a Diogo José Seromenho, que publicou as notas em *A Critica*. — N.º 20, 2.ª serie, 16 de Julho de 1897. — A nota 230 foi em parte publicada no numero unico e comemorativo da restauração da Galeria Monaco, tabacaria do nosso amigo sr. J. C. Vieira da Cruz, em 1894. Edição esgotada.

XXVI — Não encontrei citado no Catalogo.

XXVII — Não citado no Catalogo. Esta nota foi-me dada por Seromenho quando eu dirigia uma revista literaria. Tinha-a elle anteriormente publicado no n.º 7 — 15 de Fevereiro de 1898, d'*A Critica*.

Advertencia precisa.

No decorrer das paginas deste volume encontra o leitor pouca uniformidade ortográfica, porque entendi respeitar a grafia dos textos transcritos.

Assim os póstéros que pretendam estudar, sob esse determinado objéctivo, a obra de Camilo encontram nestas paginas a prova evidente de que o mestre não tinha ortografia definida.

*

* *

Durante a impressão destas Notas á margem, *bibliofilos distintos e meus amigos, comunicaram-me muitissimas notas algumas até agora inéditas. Impossibilitado de as recolher a tempo, estudando os exemplares, elas constituirão uma nova série, e aqui exáro o preito do meu reconhecimento, especialmente aos srs. Marques Gomes e Luiz Ferreira Lima.*

Alvaro Néves.

PQ
9261
C3A16
1916

Castello Branco, Camillo
Notas á margem em varios
livros da sua biblioteca

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 04 008 5